



Reporter.

Semanario das
grandes reportagens

ANO I

20 de Dezembro de 1930

Numero 20

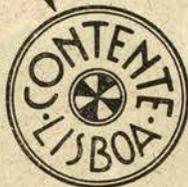


O Natal da Saúde e da Nostalgia



R. DO CARMO, 74
TELEF. 24871

AV. da LIBERDADE, 120-122
TELEF. 24872



Feliciano Sobral

RUA DA FABRICA, 11, 2.º

PORTO

Telefone, 4353

Atoalhados, Colchas,
Cobertores, Riscados, etc.

Representante da Casa

Teixeira de Abreu, & C.^a

de

GUIMARÃES

Café Nicola

O café da «ÉLITE»
O mais confortavel e higiénico
de Lisboa

Esmerado serviço de café, chá,
cacau, chocolate e torradas

Os melhores bifes são os
"Bifes à NICOLA"

Rossio-Lisboa

Secção de cafés moídos e em grão

VENDA A RETALHO

Rua 1.º de Dezembro, 26

PELES

(Antiga casa "Ao Polo Sul")

Raposas, peles e confeções
Transforma e confecciona

Rua do Ouro, 266, 4.º
LISBOA

É caro? É! Mas no
ESCONDIDINHO

come-se, porque o
ESCONDIDINHO

é quem melhor serve.

A sua cozinha, os seus
«ménus», os seus ser-
viços, os seus talheres,
os seus vinhos são ce-
lebres e não têm rival.

Rua Passos Manuel -- PORTO



Homens & Factos do Dia

O poeta desvairado

EU ainda não consegui descobrir — a pesar de me ter debruçado ansioso sobre todas as filosofias que, desde a mais remota antiguidade até ao presente, homens e povos têm criado para explicar o problema da existência — se a vida é comédia ou drama.

Ainda não encontrei drama, por mais pungente, que não contivesse algo de comédia a dar-lhe realce, como em certos desenhos tristes um contorno negro e caricatural a elucidar-nos de que não passam de bonecos inertes, nem comédia, por mais hilariante, que não deixasse entrever um pouco de drama, como um espectro terrificante na penumbra dourada da tarde. Por isso não sei se devo rir-me perante as mágoas do mundo, se chorar ante as suas comédias mais risíveis. E esta minha confissão não é inspirada no desejo snob de fazer paradoxos baratos, mas na evocação de um episódio tragi-burlesco a que assisti pelo Natal de 1923.

Eu conhecera, poucos meses antes, um rapazote estranho, de cabeleira ao vento e olhar alucinado, que arastava uma vida de miséria pelos bas-fonds de Lisboa, fazendo versos e embebedando-se escandalosamente. Por uma madrugada de inverno, depois da paginação fatigante de certo jornal da manhã, onde ao tempo trabalhava, entrei em uma taberna a tomar uma bebida quente. Foi aí que travei conhecimento

com o Menezes, que perdera essa noite beberri-cando, e ali esperava alguém que lhe pagasse mais bebidas para lhe acalmarem a sede inextinguível dos que bebem muito para acabarem de se emborrachar.

Magro, muito magro e franzino, descomposta a «lavière» negra, os lábios orlados de sarro, o Menezes contou-me desordenadamente a sua vida, uma vida de vinte e tantos anos, plena de aventuras e desgraças. Fôra empregado de comércio no Brasil, mas o seu temperamento não se coadunava com essa profissão regrada, pautada regularmente como as linhas azuis e vermelhas que sulcam os livros de escrituração. Com o sangue bulhoso corria-lhe nas veias um ímpeto diabólico, que não o deixava aquietar-se, ageitar-se no mundo. Sonhava com aventuras, fazia poemas e, um dia, quis experimentar os perigos do sertão onde se internou e sofreu horrores. Com a mesma ansia com que demandou a vida rude entre os selvagens, dela se evadiu depois para tornar ao Rio de Janeiro a viver uma existência hiper-civilizada, requintadamente mórbida, entre mulheres venais e estupefacientes embrutecedores.

Um dia, sem ele saber explicar como nem porquê, pendeu-lhe o ânimo para a vida pacata, recatada, honesta, com um lar organizado, mul-ther docil e filhos traquinas. Antes de alcançar o lar arranhou mulher, a sua mulher ideal: meiga, resignada, compassiva — daquelas mul-theres que deixam adivinhar no semblante melancólico e na beleza discreta a propensão inacta para o martírio. Casou por amor, por cega paixão — porque no Menezes as boas e más paixões eram sempre violentas e absorventes. Mas breve verificou que fôra enganado, não



O NATAL

Por Stuart Carvalhais



— Mãe: a árvore já o campo a deu; falta agora que o Menino Jesus me dê os brinquedos... »

reporter

O SEMANÁRIO DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO EM PORTUGAL

Grandes reportagens e crítica a todos os acontecimentos de sensação nacionais e estrangeiros

Sai aos sábados e é posto à venda simultaneamente em todo o país

DIRECTOR
REINALDO FERREIRA
(REPORTER X)

Director-Gerente, Administrador e Editor
ANGELO DE AZEVEDO FERREIRA

Chefe da Redacção
MARIO DOMINGUES

Propriedade única de Angelo e Reinaldo Ferreira

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E PUBLICIDADE
ROSSIO, 3. 3.º — TELEFONE 26442 — LISBOA
End. Teleg.: REPORTERX — LISBOA

DELEGAÇÃO DO PORTO — RUA DO ALMADA, 10

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
TIPOGRAFIA SILVAS, LTD.
RUA D. PEDRO V. 120 — LISBOA — TELEFONE 23121

PREÇO DAS ASSINATURAS

3 meses — série de 12 números — Esc. 11\$50
6 " " " 25 " " — Esc. 22\$50
12 " " " 52 " " — Esc. 44\$50

Para as Colónias e Estrangeiro acrescem os respectivos portes
Pagamento adiantado

pela esposa em quem reconhecia uma bondade evangélica, mas por ele próprio, que, afinal, não reunia as qualidades de método e de ordem indispensáveis a um bom chefe de família.

A Boémia, a deusa satânica que sempre inspirara a sua malfadada existência, depressa o arremessou para o alcool e a miséria conseqüente, afastando-o do lar onde ele sabia que o esperava, chorosa e meiga, a santa que tanto venerava. Fazia à esposa versos pelas tabernas, versos geniais exaltando-lhe as virtudes, cantando-lhe a beleza e a santidade, esquecendo-se, porém, de lhe levar pão e carinhos de que tão carecida estava.

Chegava a casa perdido de bêbedo, cambaleante e choroso. Abraçava-a com a ternura pastosa dos alcoólicos e, no dia seguinte, recomaçava o seu viver desordenado. Servindo-se de mil habilidades, conseguiu embarcar para Lisboa, fixando residência num quarto miserável de Alfama. Continuou aqui a mesma vida que levava no Brasil, passando os dias nas tabernas sórdidas da Ribeira Nova, entre descarregadores rudes e marítimos desempregados.

Uma manhã, ao regressar ao seu quarto de Alfama, embriagado como de costume, encontrou a mulher estirada no leito, muito pálida, a cabeça amarrada com um lenço, e um sorriso muito triste — mais triste do que o habitual — nos lábios exangues. Tivera uma criança.

(Conclui na pag. 23)

O Natal da Saúde de e da Nostalgia

DE tôdas as grandes ilusões colectivas a mais scenográfica e terna é, sem dúvida, a do Natal. Desde o bruxolear da consciência, na meninice, até à maioridade do espírito



—tôdos nós aguardamos e celebramos essa apoteose divina-humana, num suave gozo laivado de nostalgia... E' uma saborosa alegria triste—a dessa festa que desejamos com ansiedade e de que participamos com a vaga impressão dum armistício universal de tôdos os ódios e de tôdas as dôres. Mas crianças ou adultos, mulheres ou homens, sábios ou ignorantes, religiosos ou indiferentes, festejando o Natal, rindo, bailando, beijando—sentimo-nos comovidos, saudosos, nostálgicos sem saber porquê—nem de quê...

E' porque o Natal é a mais bela ilusão colectiva—a mais terna, a mais generosa, a mais triste... Cada indivíduo cultiva a lenda de um Natal criado pela sua imaginação; e através dos séculos, essas lendas não confessadas são transmitidas, aureolando o Natal de ilusões. O que nós amamos, o que nós aguardamos com ansiedade, o que nós celebramos não é o Natal que vamos viver—mas o Natal lendário que escolhemos, segundo o nosso temperamento sentimental, e que nunca alcançaremos. E daí essa vaga tristeza, essa saú-

dade, essa nostalgia... Por melhor planejado, por mais confortável, brilhante e venturoso que seja o Natal realizado, êle nunca se assemelha ao que sonhamos, ao da lenda, ao que esperavamos gozar até às vespéras... E se êsse Impossível provoca a tristeza íntima e saúdosa—a êle se deve também a eternidade do encanto místico do Natal, visto que o amor só é eterno quando a posse absoluta não lhe destroi a alma luminosa e impalpável do sonho e da ilusão.

Eu próprio, que vivo em permanente rebeldia contra o dogma dos calendários; que tôdas as semanas escolho um domingo que não seja domingo para repousar; que reservo o mau humor para os três dias de alegria obrigatória do Carnaval; que fixo a entrada do ano em qualquer dia e mês que não seja 1 nem Janeiro; que festejo os meus aniversários quando me apetece, esquecendo-me propositadamente da data do meu nascimento, aceito sem condições o dia de Natal—como o grande dia da máxima ilusão humana. E sófro sempre nêsse dia a saúdade do Natal que nunca vivi—e que é o Natal que desde menino eu sô-



nho. Qualquer que seja a terra em que me encontre—nunca é essa terra a que eu quisera para o Natal. Por muito numerosos que sejam os entes queridos

que me cerquem nêsse dia—há sempre um ausente ou muitos ausentes que são os que mais falta me fazem à satisfação sentimental dêsse dia—precisamente porque faltam; e se não faltassem, outros a minha imaginação criaria para que não faltasse a tristeza nostálgica indispensável ao estado de alma de quem celebre o Natal. O Natal sem saúdade, sem ausentes—não é Natal.

De 1918 a 1930—é êste o segundo Natal que passo em terra portuguesa. E dêsses dez Natais aquêles que recordo com maior emoção—são os mais tristes... Assim o passado em Madrid, em 1919, na sala de jantar do Grande Hotel do Rhin, deserta quando me sentei para ceiar. Pouco depois surgia um outro hospede. Era Antonio Sardinha—o mais leal, nobre e inteligente dos adversários. Estavamos de relações cortadas em consequência da crítica que eu fizera a um discurso seu no parlamento sidonista. Olhámo-nos; reconhecemo-nos; e no mesmo alvoroço, no mesmo impeto nos erguemos, nos abraçámos, reunindo à mesma mesa as nossas nostalgias do Natal que não iamos viver. Ceámos calados. Os nossos espíritos flutuavam nas próprias ilusões... Eu sonhava com o eterno Natal impossível... E precisamente porque tôdos os entes queridos estavam ausentes—que saborosa saúdade, a dessa admirável ceia triste de Natal...

Há sobretudo um Natal-modêlo e lendário que nós sofremos, ao atingirmos a posse absoluta da nossa consciência—que sendo o mais doloroso dos impossíveis é a mais bela nostalgia para o Natal de quem saiba celebrá-lo no templo da própria alma. E' o Natal da infância, o Natal para crianças, o Natal que nós sonhamos com tôdos os recursos da nossa fantasia de homens, o Natal com tôdo o brilho scenográfico, o Natal cromo-litográfico, o Natal de tôdas as estampas, o Natal de tôdas as literaturas, o Natal que não foi possível aos nossos pais oferecerem-nos porque não podiam adivinhar o que nós fantasiávamos vinte anos depois, o Natal que nunca mais podemos realizar porque nunca mais voltaremos à meninice...

Podemos, sim, mise-en-scená-lo para os nossos filhos; mas quando êles crescerem hão-de idealizar outro Natal, sempre diferente daquêles que tiveram em crianças—para que chegando ao Natal sofram a nostalgia de um Natal que não tiveram e que já não poderão ter mais...

Êsse Natal longínquo, esfumado na nossa memória de adultos, surge-nos em farrapos de recordação, como o azul luminoso e fugidío através de nuvens sombrias e melancólicas. Semi-cerrando os olhos, para não perder um átomo dessa recordação saúdosa, vimos ressurgir nitidamente da bruma do tempo passado alguns condiscipulos, com o mesmo ar gaiato, os mesmos rabiscos maliciosos nos grandes colarinhos de bebê, a mesma elástica mobilidade nos saltos alegres provocados pela novidade ansiosamente esperada: «Começam amanhã as férias do Natal!» Que mundo ilusório de felicidades encerrava então esta nova tão breve e tão grandiosa! Visionávamos a mesa de jantar scintilante de cristais, garrida de flôres e apetitosa de bôlos predilectos; os bonecos de molas complicadas que pulavam como gamos animados de vida estranha; a romaria através dos estabelecimentos de clientela impaciente e ruidosa; a noite solene de deslumbrante espectáculo teatral admirada de um camarote de parapeito de veludo vermelho. Como é bom recordar agora essa impressão de deslumbramento que nos vem de longe, da infância remota, como a luz do sol dos espaços infinitos!

Mas com estas lembranças suaves, que fregolizam a nossa vida agreste de sofrimento e de luta em Ellorado maravilhoso de horizonte conselado de ouro fulgurante e bosques de sombras macias que acolhem meigamente o nosso espírito dolorido como o sio maternal o menino que mal seguro anda nas pernitadas fracas tomba ao ensaar uma carreira mais atrevida, aparecem-nos também as imagens angustiosas, lavadas de dôr ingente que a tinta branla da nostalgia teima em suavizar. São as pequenas contrariedades de pessoa crscida e importante que nós somos quando a barba

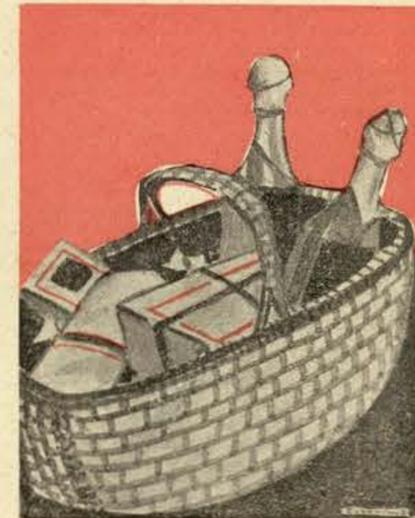
alveja e nos julgamos, por tão pouco, o centro do universo, os reis da criação. Pobres crianças grandes nós sômos, afinal, com as nossas vaidades, os nossos poemas, os nossos despeitos, as nossas loucuras, os nossos rancores e as nossas paixões, que não atrasam nem adiantam a marcha do globo, nem ofuscam por um momento o brilho do astro que nos ilumina, nem influem nas rotações de Saturno—e decerto provocaríamos um riso de comiseração aos habitantes de Marte, se acaso existissem e tivessem ocasião de se ocupar desta coisa ruim e mesquinha que é a humanidade terrestre... A nostalgia, porém, nesta quadra celestial do ano, faz-nos mais comedidos, mais razoáveis, mais calmos. Despimos a alma dos maus hábitos que a enroupam e quedamo-nos num quasi estado de graça.

O espectáculo mais eloquente dessa nostalgia representam-no as ruas, na noite de Natal... Passada a hora febril das compras, dos assaltos às casas de brinquedos, dos «autos» atafalhados de pacotes de bôlos e caixas de Champagne—as cidades despovoam-se... Ficam apenas deambulando uns pobres diabos de



tôdas as classes, que se arrastam sem pressas pelos passeios, de gola levantada, mãos afundadas nos bolsos... Ricos ou pobres, boêmios ou desgraçados—

não tiveram com quem passar o Natal. O Natal para êles é o mais belo, o mais luminoso, o mais festivo dos Natais—porque é o Natal onde cabem tôdas as ilusões, porque é o Natal de tôdos os



ausentes. Deambulando em passo lento—êles vão celebrando no segrêdo da sua alma o seu belo Natal, um Natal mágico e milagroso onde basta sonhar um capricho para que êsse capricho se converta na realidade do seu sonho... Sigam-nos; vigiem-nos... Êles param frente a cada vitrine: É infalível! De cada vitrine êles, mesmo sendo pobres, compram tudo quanto lhes apetece... Brinquedos, joias, elegâncias, livros, guloseimas, licôres, manjares selectos... Param, escolhem, retiram com a imaginação o que escolheram, colocam essas compras na árvore do Natal que êles trazem dentro do coração, tôda lantejoulada pelas ilusões... E quando, cansados da caminhada através da cidade deserta, recolhem à mansarda ou palácio povoados de ausentes—sentem-se mais felizes, mais satisfeitos do que os outros—porque para êles a saúdade e a nostalgia casaram-se no Templo do Sonho e regalaram-lhe tôdas as ilusões que floriram ao belo capricho do Natal Impossível. Êsse é que é o verdadeiro Natal—porque é o mais triste de tôdos.

REPORTER X

UM SUPOSTO MÉDICO

Um cavalheiro pretencioso que ora passa por médico, ora por advogado e outras vezes por estudante da Faculdade de Letras, receita, dá injecções e de quando em quando toma a si o nome de jornalistas conhecidos

HA na vida casos que enojam e sobre os quais desejariamos nunca falar com receio de que, agitando-os, as exalações fétidas que o remechar dessas porcarias produz nos possam causar náuseas.

No exercício, porém, da nossa profissão, somos forçados, por vezes, a desempenhar o nada simpático papel de acusadores, que sendo pouco digno se torna nobre por evitar, em determinadas ocasiões, males irreparáveis a que, porventura, o silêncio poderia dar aso.

Por os cafés «chics» da Baixa costuma aparecer, à mistura com muita gente boa e honrada, um indivíduo, de cerca de 30 anos de idade, de alta estatura, magro e aspecto irritante, cujas iniciais são L. F. R., residindo ali para os lados da Graça, e que, não tendo modo de vida conhecido, se intitula falsamente doutor, dizendo-se umas vezes formado em Letras, outras em Direito e outras, ainda, em Medicina.

Apresenta-se sempre correctamente, dentro do seu sobretudo escuro e curto, com gola de peles castanhas, e chapeu mole da mesma cor, dando a impressão a quem o escuta de que possui conhecimentos enciclopédicos, muito embora as suas perorações sobre os mais variados assuntos não resistam a uma análise séria e consciente.

Tem a megalomania de ser culto, apesar de nunca ter ultrapassado os primeiros anos de liceu, caracterizando-o uma audácia sem limites que o leva a apresentar-se em toda a parte como sendo uma pessoa de elevada posição social.

Assombrar as massas com a sua pseudo-grandeza é a necessidade imperiosa que o domina — e dessa manifestação mórbida do seu espírito resulta toda a mentira da sua vida, a grande mentira que lhe enche a existência e que deve chegar a convencê-lo a ele próprio.

Aqui há pouco tempo ainda, frequentava com assiduidade o «Café Chiado», onde conseguiu com as suas eternas patranhas fazer-se admirar por uma pequena corte de supostos intelectuais que por snobismo o adulavam, chamando-o toda a casta de ressonantes adjectivos. Mas o destino, traícoeiro, encarregou-se de o desmascarar, levando à adorável tertulia um sujeito que muito bem lhe conhecia as manhas e que o denunciou como um famoso pantomimeiro.

E o fingido doutor L. F. R. foi logo escorraçado ingratamente pelos seus antigos admiradores, os quais, para se vingarem do lógro, o alcunharam, desta vez com toda a propriedade, de «insigne aldrabão». O «Nicolás» foi então o ponto escolhido pelo incorrigível *blagueur* para a radiosa emissão da sua verborreia.

Adquiriu novas relações que também ficam embasacadas com o seu *grande saber*, bebido em almanques baratos.

umas vezes os seus sonhos de grandeza fazem-nos pensar que é, ou que foi, secretário da Presidência da Republica, não sendo raro também declarar-se antigo governador civil de Lisboa, demonstrando palavrosamente que goza de elevada influência nas esferas oficiais, citando a despropósito altas figuras conhecidas com quem diz tutear-se; outras vezes, transforma-se em jornalista, afirmando-se colaborador de vários jornais, tendo chegado já, até, a quando de célebres e escandalosas ceias, a

acobertar-se com o pseudónimo de «El Terrible Perez» — pseudónimo este que, como os leitores sabem, pertence ao prestigioso redactor do *Diário de Lisboa* e nosso presado camarada sr. Rogerio Peres; outras, ainda, deixa tentar-se pelas musas, e então vêm-lo de olhos sonhadores, postos em alvo, todo entregue ao laborioso trabalho de metrificar desenxabidas rimas, em versos tólos, vazios de ideias e ricos de asneiras, mas que algumas revestecas sem leitores se honram em inscrever.

— «E' obra do sr. doutor e portanto deve ser acaçada...» — dizem os ingénuos directores dessas vagas publicações.

Porém, a paixão forte do L. F. R., além da de conqstar raparigas simplórias que se deixam imbuir pelas suas falas douradas, é a de se declarar doutor, médico de fama.



Parece que a nobre profissão foi o maior sonho da sua vida...

Ultimamente, a sua constante sede de aventuras amorosas levou-o à cervejaria Vitória, na Rua de S. Paulo, 105, onde imediatamente lançou as suas vistas apuradas de *D. Juan* impetuoso sobre uma interessante camareira dali, à qual poderemos chamar, em ajustados sinónimos, Branca Batalha.

Esta rapariga, muito jovem ainda e a quem azares da vida arremessaram para o enxurro, possui uma relativa instrução, que lhe foi ministrada num afamado instituto feminino, ai nos arredores de Lisboa. De alma simples, romantizada pela leitura aliciante de maus livros, dedica-se a Branca, nas horas que o serviço lhe deixa livres, a compôr sentidos e ingénuos sonetos, cujo tema principal consiste sempre na maldade dos homens.

Manda a verdade dizer que estes sonetos são muito mais bem feitos do que os alinhados pelo doutor L. F. R.

Ora esta afinidade de gostos aproximou mais intimamente as duas personagens, que,

daí em diante, permutavam as mais doces poesias, dedicando-as mutuamente.

E o sr. doutor ia sempre aumentando de prestígio no ânimo da encantada Branca, a qual começou então a queixar-se de certas dores físicas que a atormentavam. E o falso médico, com uma carinhosa solicitude, em face dos sintomas diagnosticava o mal, receitando mesmo ali, nas mesas da cervejaria Vitória, o remédio a aplicar. Isto era simplesmente grotesco, se não fosse muito grave.

Mas o Diabo, sempre inoportuno, aparecendo desta vez incarnado na pele dum antigo condiscípulo, crêmos que de instrução primária, do doutor L. F. R., deitou os seus bem arquitetados planos por terra, sob a forma deste aviso rude, mas sincero: — «Você, Branca, não acredite nas afirmações desse vigarista. Olhe que ele nem é director da enfermaria de difteria do Instituto Câmara Pestana, como afaíza, nem nunca foi médico, como se intitula... O que ele é é um autêntico vigarista.

A rapariga, desolada, ferida na afeição que já tinha ao seu doutor, quis informar-se com segurança. E acompanhada por um outro frequentador da cervejaria, correu ao Instituto Câmara Pestana, onde recebeu o primeiro desenganho. Um empregado da secretaria do referido estabelecimento hospitalar informou-a:

— Ah! Já sei!... Já não é a primeira pessoa que aparece aqui a perguntar por esse doutor... Mas ele só em sonhos é que foi médico cá do Instituto.

A Faculdade de Medicina fica próxima. Uma saltada lá e outro desenganho. Do registo dos médicos ali formados não constava o nome do L. F. R. E à maneira de conclusão disseram-lhe:

— Isso deve ser algum vigarista... Demais a mais nem de nome o conhecemos...

A Branca, já identificada, regressou à cervejaria, disposta agora a nunca mais a aceitar as receitas do famigerado doutor e muito menos a ser internada na sua suposta «Casa de Saúde da Damaia», que aliás não existe, como ele pretendia.

O falso médico e impostor L. F. R., a despeito dos seus fracassos, continua a mentir, ainda e sempre, numa ilusão dourada que lhe dá prazer enganador, que lhe oferece o fictício sonho de miragens fugazes.

Agora anda a tratar uma criança.

E é isso exactamente que nos apavora é nos causa calafrios de terror: a criminosa inconsciência com que brinca aos médicos, não atentando na gravidade dos seus actos, nas más consequências dos seus conselhos sobre medicina.

Destes dois casos temos nós conhecimento. E' todavia possível, tendo nós levando a acreditar, que existem mais casos, muitos outros casos.

E se alguns desses doentes morrem, devido aos remédios que o L. F. R. aconselha afoitamente, com total desconhecimento técnico que a Ciência exige para curar?

Foram estas razões que nos levaram a escrever o presente artigo.

Esta vez empregamos apenas as iniciais do cavalheiro em questão, por uns restos de complacência que, todavia, se vai esgotando. Aproveitar-lhe-á este aviso que fazemos?

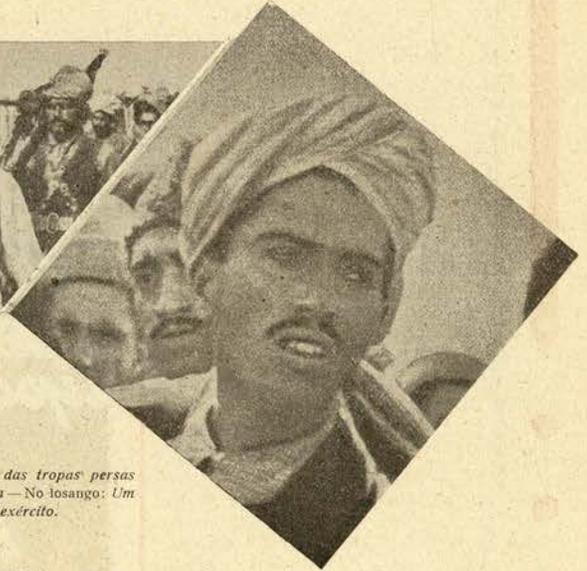
(Conclui na pag. 23)

OS REIS PITORESCOS DO MUNDO

O «Shah» da Persia, detentor do automovel mais caro do universo, subiu de porteiro a rei, como os mendigos que ascendiam a príncipes mercê de um toque de varinha mágica



Um aspecto das tropas persas em marcha — No losango: Um oficial do exército.



COMO nos «Contos das Mil e Uma Noites», na vida do actual soberano da Persia tudo é surpresa e maravilha.

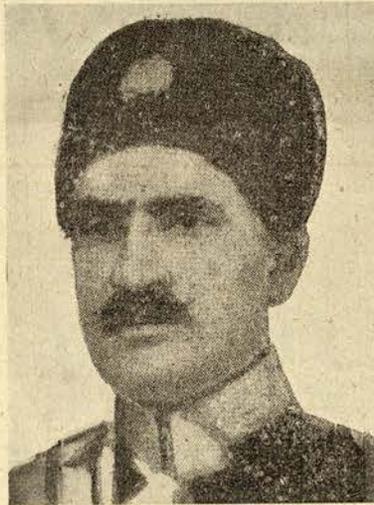
Numa manhã da primavera persa, quando os cachos de glicínias se debruçam das muralhas e terraços dos palácios para espreitar os mendigos, aleijados e leprosos passando em teoria de farrapos, poeira e moscaria pelas ruínas misteriosas da capital, havia em Teheran silvos nostálgicos de flautas e pizzicatos quentes de tamboris.

E nessa manhã da primavera persa, chegou à capital, vindo do país de Ispahan, terra de poetas, um jovem camponês, efêbo de corpo de estátua e olhos de mistério.

Não trazia bagagem nem séquito; mas trazia farrapos e vinha carregado de ambições. Em Teheran ninguém o conhecia; não tinha padrinho mercador ou escriba, nem sequer um tio cozinheiro de palácio. Longos dias buscou sem encontrar trabalho; como os gatos e os cães vândios, vivia de achados e bocados caídos do céu; esfomeado deambulava pelos mercados, ficando-se horas a olhar com extática cubiça os lugares dos vendedores. Tudo o seduzia ali e nada podia obter: montes de frutos silvestres das matas do Elburz, romãs e figos dos vales de Hamadam, cestas de peixes secos trazidas desde o Caspio e do Golfo Pérsico, toda a kaleidoscópica diversidade de comércio vindos da Arménia e do Kurdistan, do Cáucaso ou da Síria e até do longínquo Afeganistan, trazidos por longas caravanas de camelos caminhando em cadência pelos gelados ou cálidos areais do Decht-i-Kevir.

Um dia, exausto pelas improficuas caminhadas e torturado pelos dolorosos esticões do estômago vazio e encarquilhado, sentou-se sobre o esborado degrau dum velho templo e, para esquecer-se da fome, adormeceu. E dormindo sonhou. Sonhou com a sua pequenina aldeia, dependurada da montanha nevada, viu a sua materna choupana negra empenachada dum colunazinha de fumo branco subindo recta na quietude do ar gelado e cá fóra na relva sempre verde o irmão pequeno brin-

cando com as cabrinhas brancas de longos pêlos e olhos meigos. Depois, já noutro sonho, viu castelos e combates, princesas encantadas e mágicos feiticeiros que lhe ofereciam tesouros escondidos em cavernas e lhe brindavam palácios de alabastro e cedro, exércitos de



«Shah» da Persia

aguerridos cavaleiros, glória, uma glória imensa passando ainda acima do mais alto pico do Demavend... Findou o sonho; abriu os olhos e não viu fadas nem encantadores, nem «lâmpada de Aladin», nem «tapete-mágico», nem nada. De misterioso e estranho só viu diante de si um chapéu de côco contendo um senhor

occidental que o fitava com curiosidade. Um funcionário da Legação da Belgica buscando um indígena jovem, ladino, robusto e decorativo, disposto a servir bem e barato. Como Riza-Kan, o herói da nossa crónica, reuniu todos os requisitos buscados e não discutisse salários, rapidamente chegaram a acôrdo. Dois dias depois já o nosso herói ostentava o espantoso uniforme de «gavaz» e passado algum tempo fazia a felicidade das sopeiras do bairro e era terrôr dos maridos indígenas e talvez levasse também a intranquilidade a algumas casas europeias de Teheran. Riza-Kan era tão formoso e o seu uniforme de «gavaz» luzia tanto ao sol e ao luar... «Chi lo sa?»

Um dia misturou-se a uma revolta qualquer e logo os cachos das glicínias e as sopeiras de Teheran o viram passar sobre um soberbo corcel kurdo chefiando um bando de soldados. Mais um golpe da varinha mágica da política, mais uma meia-duzia de revoltas locais, e ei-lo general. Sim senhor, general, como no Mexico.

Depois, ainda por um golpe da varinha mágica, reminiscência das riquezas das «Mil e Uma Noites», no abençoado solo da Persia brotou um poço de petróleo. E assim como as mósca-varejeiras à volta da carne que começa a decompôr-se, logo à volta do poço petrolífero começaram a voejar as ambições britânicas... que os ingleses estão para o petróleo assim como os perdigueiros estão para as perdizes. Ora o então «shah» reinante tinha mais simpatia pelas «boites» de Montmartre do que pelos binóculos, teodolitos e sondas dos amigos «bifes» a bisbilhotar, espiolhar e escarafunchar o sagrado solo da sua terra. E declarou que não via com bons olhos a sangria do petróleo persa em benefício dos cofres britânicos.

E entretanto ia-se ocupando da sagrada política do seu país vivendo à regalada em Paris,

(Conclui na pag. 23)



UM SÔRO MARAVILHOSO

que injectado nos criminosos, os obriga a confessar a verdade, unicamente a verdade

NAS investigações policiais, a confissão é o ponto mais difícil a esclarecer. Quantas vezes os acusados confessam, com toda a aparência de lógica, com todos os pormenores convincentes, o que, afinal, não passa da mais refinada mentira? E tomando por base essa mentira, a justiça chega a conclusões falsas, condenando, por vezes, o que merecia absolvição e absolvendo o que deveria ser condenado.

Outras vezes sobre um arguido caem todas as suspeitas, todos os indícios, todos os depoimentos por forma tão certa e esmagadora, que a justiça o condena a olhos fechados, com a certeza de não errar. Anos volvidos, um pormenor, um incidente, um nada fazem desabar por terra o castelo maravilhoso das investigações provando que o condenado está inocente.

Bem sei que os criminosos mentem sempre. Aquêles que matou ou roubou, aquêles que atravessou as fronteiras dos direitos e das responsabilidades cívicas, mesmo que seja um profissional do crime, agarra-se, sempre, à tábua de salvação da mentira para tentar a defesa, para tentar a impunidade. Foi assim que procederam Augusto Gomes e Alves dos Reis, para não citar outros modelos de criminosos, também obstinados em mentir, de outros séculos, de outras épocas. A mentira é, ás vezes, uma mascara difícil de distinguir... A Inquisição adoptou o método das torturas para obrigar o criminoso a uma nitida confissão, mas só conseguiu cadáveres!... Onde está a verdade? Pela fome, pelo suplício, ontem ou hoje, conseguem-se todas as confissões, mas, na maior parte das vezes, aumenta-se a legião dos inocentes crucificados! E não existe no nosso século, neste século em que as leis de humanidade avançam e triunfam, um processo honesto de só condenar com a confissão livre e voluntária do próprio criminoso? Existe, e principiou há muito na America do Norte, como vão verificar...

COMO A AMERICA DESCOBRE OS CRIMINOSOS

A notícia foi-nos primeiro apresentada na primeira página do grande rotativo «New-York Times». O jornal norte-americano gritava, através de títulos e subtítulos de grande acontecimento, que o dr. R. E. House, de Texas, tinha descoberto um sôro miraculoso, a que chamava «Scopolamin», que tinha a propriedade de fazer falar verdade os criminosos. Arregalámos os olhos, meio

desconfiados, naquele geito com que nós, os latinos, costumamos olhar para tudo quando é yankee... A nossa dúvida durou alguns meses; mas acaba de ser anulada, destruída por uma informação



mais precisa, que nos traz um jornal espanhol na sua dupla página central. Trata-se de uma verdade, centenas de vezes garantida, centenas de vezes comprovada. O dr. House descobriu realmente uma injeção que, sem a mínima dor ou prejuizo de saúde do injectado, ar-

ranca a confissão exacta, precisa, de todo aquêles que as aparências ou atitudes concretas colocam diante da justiça. E é o próprio doutor House quem explica o efeito preciso e honesto da sua importante injeção: «Toda a gente sabe, mas em especial os médicos, que o mais forte e activo sentido dos mortais é o ouvido, como se prova por ser o último que desaparece ao adormecer sob o domínio de um anestésico e o primeiro que se recupera ao desaparecer a acção narcótica. A injeção «Scopolamin» actua sobre os restantes sentidos, deixando o ouvido alerta...» São estas as declarações do médico House. Declarações que não estão justificadas? Pelo contrário. Como o injectado só pode ouvir, não tendo a facultade de pensar, de raciocinar, está bem claro que uma vez interrogado só poderá dizer a verdade, o que se guarda no subconsciente, não podendo, evidentemente, pensar ou proferir mentiras.

E são já em grande número as experiências, marcadas com absoluto êxito, da «Scopolamin». Lembra-se este caso, por exemplo, contado por alguns jornais estrangeiros: Uma rapariga do Texas queixou-se de um seu vizinho ter abusado dela... O arguido é atirado para o tribunal; e, como é mudo, não podendo negar ou sequer atenuar a acusação que cai sobre a sua cabeça, é condenado. O médico de família do rapaz insiste, porém, em que lhe seja injectada «Scopolamin». O resultado é surpreendente. O mudo fala e nega o crime! Procede-se a novas investigações, e, por fim, encontra-se o verdadeiro criminoso.

Outro caso surpreendente: Um banqueiro new-yorkino, que há muitos anos era vítima da amnésia, encontra, certa noite, ao entrar em casa, um homem morto. Todas as culpas, mesmo as mais inverosímeis, caem sobre a sua cabeça. Não há nada a fazer. Tem de ser condenado á morte! Na véspera de ser sentenciado, o dr. House aparece e injecta-lhe «Scopolamin». Regista-se um maravilhoso resultado. O homem, que era há tantos anos vítima do esquecimento doentio, recorda a noite em que se lhe depa-rou o morto e aponta alguém, vestido assim e assim, que viu fugir... Tempo depois, o verdadeiro assassino era descoberto e o banqueiro lançado para os braços da liberdade.

E quantos, quantos casos como os dois que acabamos de exhibir se devem já á sábia injeção do dr. House!

As doenças das
Vias urinárias
curam-se com o

BLENOX

Vende

Farmácia Ferreira Pinto
Rua da Vitória, 21
LISBOA

REPORTER X

ENCONTRA-SE À VENDA EM TODOS OS
PRINCIPAIS QUIOSQUES E TABACARIAS

G. A.

Bastidores da escravatura branca

Lisboa, o grande entrepôsto — As «chamadas de família», os casais idóneos — A propaganda na Polónia, Ukrania de quinze a dezoito anos — Uma virgem por quarenta libras — A confissão de uma vítima em Buenos Ayres — Uma luta entre traficantes e a polícia argentina que ocasiona a morte a dois comissários e sete agentes — A espanhola guapas de su província — Madame Jeanette e as suas belas novidades de Paris — Uma minhota que oferece

O nosso entrevistado de hoje é um rapaz novo, não roçou ainda os trinta anos, mas a sede de aventura e emoções, levando-o muito cedo aos confins do mundo, em uma vida nómada, errante, ao Deus dará da sorte,



Um postal que Vera escreveu ao nosso entrevistado

trouxe-lhe uma experiência de velho que contrasta com a sua vivacidade de jovem.

E' dos que viajou com o cérebro, o coração e os nervos. Olhos bem abertos, janelas do espírito escancaradas para a vida — a vida por elas entrou em largas lufadas, temperando a sua alma em aço flexível mas puro e inquebrantável.

Realizou o que todos nós já sonhámos aos dezoito anos: viu a Norte-América com os seus arranha-céus e suas excentricidades, esteve em Marrocos e apaixonou-se por uma moura, uma linda moura de contos de mil e uma noites, visitou a região dos «fjords», perdeu-se na bruma britânica e esteve no Oriente misterioso.

Foi enfermeiro a bordo para que as viagens, longe de lhe trazerem dispêndio, lhe trouxessem lucro monetário que lhe assegurasse o êxito de outras viagens que estavam fóra da rota dos transatlânticos onde trabalhava. Gastão Sérgio — assim se chama o nosso jovem entrevistado de hoje — deu-nos uma entrevista muito mais variada e curiosa do que as lenga-lengas graves de certos cavalheiros respeitáveis e barbudos que, através das

vidraças amáveis das entrevistas dos grandes diários, tentam mostrar ao grande público a sua importância discutível e a sua vaidade indiscutível.

Quando o encontramos no café — palco movimentado de quasi tôdas as entrevistas de verdadeiro interesse — Gastão sorria plácida e qualquer bebida açucarada.

— Julgava-te na China ou no Afeganistão! — exclamámos ao vê-lo.

— Estou em férias — respondeu-nos. — Não volto a ausentar-me por estes tempos mais próximos.

Depressa nos enfronhámos em uma conversa acalorada sobre viagens, outros povos, outros costumes, outras paisagens. Depois veio a escravatura branca á tona da discussão.

AS MANOBRAS INICIAIS DO «CAFTAN»

Gastão Sérgio conhece bem o assunto. — Viajei em quasi tôdos os grandes transatlânticos que demandam a América do Sul — disse-nos. — Fiz *le chemin* de Buenos Ayres inúmeras vezes e assisti a scenas edificantes de escravatura branca.

— Tens lido os artigos do *Reporter X*? Fez com a cabeça um sinal afirmativo e disse:

— Vocês têm dito muito, mas não disseram tudo. O tráfico de brancas é hoje um problema internacional de grande acuidade. A Sociedade das Nações mandou fazer um inquérito sobre o assunto. Os seus agentes levaram seis anos para apurar factos que eu, tu, qualquer pessoa que faça de Lisboa até Buenos Ayres a travessia do Atlântico, descobre em meia dúzia de dias.

«Os traficantes têm, com efeito, grandes organizações internacionais, mas a bordo denunciam-se facilmente, traem-se a cada passo. A partir da Madeira (e na Madeira faz-se escravatura), o negócio de escravas começa mesmo a bordo. Lisboa é o grande entrepôsto. Experimenta tu, um dia, trocar a tua banca de redacção pelo convés tumultuoso de um desses desconhecidos hotéis flutuantes e terás assunto para dezenas de reportagens sensacionais de alto interesse social.»

Deteve-se um instante o nosso amigo, saboreando talvez a nossa ansiedade, e, como não proferissemos palavra, reto-

mou o fio do discurso interrompido dando-lhe uma nova directriz:

— As correntes emigratorias — tanto a nossa como a do extremo e centro da Europa — têm as suas épocas regulares. E' geralmente nesse periodo mais intensa a balburdia do enxame dos que desertam aproveitando o apêlo de braços que publicamente soltam as repúblicas sul-americanas.

«Os habitantes pobres dos grandes



Um idílio sem consiquências, porque a rapariga, nas garras dos «caftans», não pode dispor do seu destino

centros de população rural da Polónia, Ukrania e Alta Silesia deixam-se facilmente seduzir pelos réclamos sul-americanos, que prometem passagens grátis, concessões de terras e outras benesses fascinantes. Nessas regiões a miséria é grande e fácil a fuga: basta uma inscrição no consulado para emigrarem, por vezes, famílias inteiras.

«E' então que aparece o traficante, o *caftan*, o que escolhe a mercadoria na origem. Entre a chusma sofredora da

reporterX internacional

e Alta-Silesia — As levas de raparigas colectividade «insuspeita» — Uma que vai buscar as sobrinhas «mas pensão de «confiança e seriedade»

estepe, o negociante selecciona as mais lindas raparigas de quinze a dezoito anos. Envolvem-nas em uma onda tépida de promessas deslumbrantes que vão desde os empregos rendosos aos casamentos ricos, lá longe no Eldorado formoso que o *mar da Prata* beija voluptuoso. Os pais sentem-se tão encantados como as filhas: é menos uma boca a comer em casa e, possivelmente, um auxílio monetário que virá regularmente desse Novo Mundo riquíssimo onde o ouro anda aos pontapés. Iludidas, partem na companhia de desconhecidos que sabem captar-lhes a confiança. Depois... Depois...

A ODISSEIA DE UMA JOVEM RUSSA

«Existe em quasi tôda a América do Sul uma legislação (especial contra a prostituição e a escravatura brancas. E' rigorosamente proibido o desembarque de mulheres que não vão acompanhadas por família. Exceptuam-se, porém, as portadoras das *cartas de chamada*, assinadas por pessoa idónea — que na maior parte das vezes é um alto traficante... E' por esta porta falsa que a maior parte do comercio de carne branca escapa aos rigores da lei. Quando não se servem deste *truc* empregam o da família respeitável em companhia de quem viajam *primas* e *sobrinhas* — às vezes quatro ou cinco, tôdas da mesma idade, que nem um arzinho de família têm a ligá-las...»

«Há dois anos, pouco mais ou menos, encontrei a bordo de um dos mais luxuosos paquetes da linha da América do Sul uma família com documentação de origem polaca. O chefe, um perfeito tipo de *caftan*, ordinário, enjoiado, brusco nas palavras e nas atitudes, fazia-se acompanhar de duas *primas* e três *sobrinhas* de idades que regulavam entre os catorze e os dezoito anos. A esposa legítima, rapariga também muito nova com quem se consorciara para legalizar a leva, representava com êle a farsa do casal idóneo.

Tive curiosidade de lhes examinar secretamente os papeis no comissariado de bordo. E na verdade, falsos ou autênticos, estavam em regra, com os parentescos bem esclarecidos.

Destinava-se essa gente ao interior do



Estado de São Paulo, onde um judeu russo, comerciante de reconhecida probidade nas praças do Brasil, tomava por êles termo de responsabilidade.

Quem poderia, pois, afirmar com provas que tudo aquilo era uma farsa ignóbil para disfarçar um comércio repugnante?

Travei conhecimento com uma das raparigas que falava alemão. Namorisei-a mais pela curiosidade de conhecer o destino e o passado daquela rapariga linda, na verdade, do que por louca paixão. Ela, a Vera, como se chamava, ansiosa por encontrar uma alma amiga



Vera, uma rapariga russa vítima dos «caftans»

que acolhesse a sua, ferida tão cedo pelas agruras da existência, contou-me um dia a sua triste história.»

Pensámos, por momentos, que Gastão Sérgio iria improvisar um romance de emoção. Mas vimos-lo tão sério, tão sinceramente comovido, que o escutámos com respeito.

— Vera — prosseguiu êle — era de nacionalidade russa, tinha dezassete anos e, conforme confessara, fóra roubada á família em qualquer cidade do Caucaso. Tentara fugir, por várias vezes, mas em

vão. Pessoa alguma lhe pudera valer. E ao dizer-me amargamente este pormenor do seu drama, os seus olhos claros exclamavam eloquentes: «Se tu me salvasses!» Mas que poder tinha eu para arrancá-la às garras daquele casal que trazia em ordem a sua documentação, era abonado por um honrado comerciante de São Paulo e reclamava com a lei na mão o direito de ser tratado como gente idónea?

«Desesperada, em Cherburgo, Vera dirigiu-se á polícia francesa e contou a sua infelicidade. Escutaram-na certamente comovidos, mas esbarraram com a esplêndida documentação do casal. O próprio consulado da Polónia, segundo ela referiu, influiu junto das autoridades francesas no sentido de não lhe ser prestada a menor atenção, pois tratava-se de uma «birra de criança e nada mais».

«As minhas conversas com Vera atraíram as atenções do chefe, do *caftan* que ciosamente a guardava. Um dia, o patife abordou-me com uma algarviada de varias linguas, *mayonaise* através da qual descobri que êle me propunha, pura e simplesmente, este negócio:

«Como a menina nunca tivesse sido casada (textual) valia muito. Portanto, se eu a quisesse para mim, para meu uso, tê-lo-ia de indemnizar em quarenta libras — preço especial que me fazia por várias razões, a saber: a menina ser muito rebelde, simpatizar muito comigo e eu ser de bordo. Podia mesmo, se eu fizesse o negócio, passar-me em Santos a *procuração da família* para meu nome, por intermédio do tal honrado comerciante russo a quem iam consignados, a fim de legalmente a poder trazer para Portugal.»

Após este relato comovedor quedámo-nos uns instantes silenciosos. Os nossos pensamentos dirigiam-se para essa pobre rapariga de dezassete anos, roubada á

(Conclui na pag. 15)

Club Português

Dancing de 1.^a ordem

■ ■ Bons números de variedades ■ ■

Aberto t^oda a noite

Rua Formosa, 157--PORTO

BANCO NACIONAL ULTRAMARINO

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

BANCO EMISSOR DAS COLONIAS

SÉDE — Rua do Comércio — LISBOA

Capital Realizado
Esc. 50.000.000\$00

Reservas
Esc. 67.000.000\$00

Filiais e Agências no Continente — Aveiro, Barcelos, Beja, Braga, Bragança, Castelo Branco, Chaves, Coimbra, Covilhã, Elvas, Évora, Extremoz, Faro, Figueira da Foz, Fundão, Guarda, Guimarães, Lagoa, Leiria, Mirandela, Ovar, Penafiel, Portalegre, Portimão, Porto, Régua, Santarém, Setúbal, Silves, Tomar, Tôrres Vedras, Viana do Castelo, Vila Real de Santo António, Vila Real de Trás-os-Montes e Viseu.

Madeira — Funchal.
Açores — Angra do Heroísmo e Ponta Delgada.
Cabo Verde — S. Vicente e S. Tiago.
S. Tomé — Príncipe — Guiné — Bissau e Bolama.
Correspondente e Agente Geral em Angola e Congo Belga — BANCO DE ANGOLA — com Filial em Luanda e Agências em Santo António do Zaire, Novo Redondo, Benguela, Vila Silva Porto (Bié), Malange, Lobito, Mossamedes, Sá da Bandeira (Lubango) e Kinshassa (Congo Belga).

Africa Oriental — Lourenço Marques, Tete, Moçambique, Inhambane, Chinde, Quelimane e Ibo.
Índia — Bombaim, Mormugão e Nova Gôa.
China — Macau.
Timor — Dili.
Brasil — Rio de Janeiro, Pernambuco, S. Paulo, Pará e Manaus.
Inglaterra — Londres.
França — Paris.
Estados Unidos da America — Agência em New-York.

Operações bancárias de t^oda a espécie no Continente, Ilhas Adjacentes, Colonias, Brasil e restantes países estrangeiros.

COFRES FORTES PARA ALUGAR

ELDORADO

P. DA BATALHA-PORTO

(Em frente à Rua 31 de Janeiro)

A casa que maior sortido tem e mais barato vende



Gabardines, Trincheiras, Ca-

sacos de Couro, Galochas, Po-

lainites, etc. Gramofones e

Discos das melhores marcas.



VENDAS A PRESTAÇÕES

com bonus

A 10\$00 SEMANAIS

Aparelhos de T. S. F. e acessórios

Ciganos

Reportagem emocionante de uma scena secreta e barbara da vida misteriosa desta raça nómada



A CHAVA-ME então a veranear num pequeno lugarejo da Beira Baixa, — Outeiro do Abade—pitoresca e risonha povoação, encravada mesmo no sopé da gigantesca Serra da Estrêla, a uns trinta quilómetros da industrial Covilhã.

Gozava uma licença de quinze escassos dias, bem justificada por um ano de labôr intenso e febril nas gazetas de Lisboa. O sitio era ridente e eu levava uma santa vida de placidez e bonomia—copiando em miniatura a exis-



Era um ritual estranho de religião oriental

tência feliz e despreocupada de respeitáveis frades em tempos idos...

Decorria Agosto, serêno e quente. Os dias eram sempre iguais, sem uma emoção, sem uma surpresa; as noites, de encantadora poesia, davam-me ao espirito uma suave nostalgia, talvez saudade da vertigem da cidade.

Faltavam apenas dois dias para o meu regresso a Lisboa, quando a pequena povoação, uma manhã, foi sobressaltada pela chegada à terra duma tribu de ciganos, a qual foi acampar a uns três quilómetros de distância, no Vale dos Ursos.

—Chegaram os ciganos!—dizia-se nas casas de venda, pelos casais.

E, evidentemente, as ingénuas e humildes camponesas, amedrontadas, acautelavam os filhos contra possíveis roubos—que elas bem se lembravam das tenebrosas histórias contadas em noites de inverno e de que a maldita ciganagem era eterna protagonista.

Por sua vez os homens, suggestionados, puseram também a bom recato o gado da lavoura e as aves domésticas, não fôsse-

aquêles entes do diabo roubar-lhes algumas cabeças. «Raça de ladrões e vagabundos, não queriam trabalhar para se entregarem à pilhagem daquilo que pudessem chamar a si... Não, que eles bem lhes conheciam a especialidade...»

—Um acampamento de ciganos deve ser uma coisa curiosa de observar...—sugeri, enquanto jantavamos, ao meu amigo Linhares de Sousa, inteligente e rico proprietário local, em cujo solar me encontrava optimamente instalado.

—Deve ser interessante, deve... E' uma raça tão misteriosa, tão primitiva e, sobretudo, tão rebelde a aceitar os haustos benéficos da civilização...

—E o mundo conhece tão pouco do seu viver íntimo, da sua esfingica maneira de ser...—objectei—que não se me dava nada de os ir surpreender logo à noite, quando estivessem seguros de que ninguem os observava.

—Se você quiser, metemo-nos na aventura... Por mim, estou pronto a acompanhá-lo. Demais, conhecendo o terreno como conheço...

Eram nove horas no relógio da sala. Quando bateram as dez atravessámos a povoação, entregue já ao seu primeiro sono, e fômos deabalada até ao Vale dos Ursos—sítio êrmo e selvagem, onde, se dermos fé à lenda, uma familia inteira foi devorada por uma fera, no tempo distante em que Deus andava pelo mundo.

Lá do alto, do firmamento vasto e grandioso, descia o palôr formoso da Lua, permitindo-nos distinguir dum monte elevado o almejado acampamento, instalado em baixo, muito próximo dum intenso canavial—optimo lugar immediatamente escolhido para nosso ponto de observação.

UMA SCENA DE ROMANCE ORIENTAL

O esgotante dia a dia das reportagens, o contacto directo que o reporter, na sua missão, é forçado a ter com os mais estravagantes criminosos e, ainda, o conhecimento visual dos mais variados e misteriosos casos embotam um pouco a sensibilidade do jornalista, imunizando-o contra a emoção e contra o inesperado de situações difíceis. Eu, como reporter que sou, embora modesto, tinha essa veleidade—convencera-me de que o exercício da minha profissão me fornecera um determinado mecanismo aos nervos, tornando-os invibráveis e impassíveis, ainda nas circumstancias mais emocionantes.

Como, então, nessa noite, fui obrigado a reconhecer a inconsistencia dêsse velho lugar-comum transformado em orgulho dos reporteres!...

Fechado este curto parentesis, vamos seguir na descreição fiel e singela dos factos, bem mais expressivos do que todas as flores de retórica que, porventura, aqui teriam cabimento.

Três barracas de campanha, dispostas em semi-circulo, constituíam o acampamento. Mais além, notava-se uma massa escura e disforme, em que se adivinhava um desses carroções típicos, pesados, que servem simultaneamente de meio de transporte e de residência—padrões dêsseos antros que bastas vezes apare-

cem nos filmes americanos de «cow-boys» audaciosos e ciladas impressionantes.

No meio do acampamento havia uma enorme fogueira, em volta da qual, sentadas no chão, em roda, se viam umas vinte pessoas, numa completa promiscuidade de sexos e de idades. Escutavam tôdas, religiosamente, as palavras, para nós desconhecidas, que um velho, certamente o chefe da tribu, proferia em voz quente e vibrante.

Empregava, sem dúvida, o *rumanho*,—dialecto originário do *sanscrito*—cuja revelação a individuos de raças diferentes lhes é vedada, sob pena de morte afrontosa.

—Quere ver que vamos assistir a quaisquer actos religiosos dêsseos tipos?...—murmurei-me, ao ouvido, o meu companheiro.

Eu, empolgado por absorvente espectativa,



O odio de raça realizara a sua obra

imaginava o mesmo, esperando avidamente o início dos rituais empregados por aquela raça réproba e anacrônica, na adoração a Deus—ao seu Deus misterioso e oculto, do qual têm sabido guardar segredo através os séculos.

O nosso interesse e curiosidade subiu de ponto com o que então se seguiu: Quatro mulheres, das mais môças, depois de se despojarem de tôdas as vestes, impudicamente, começaram a executar em redor da fogueira uma dança selvagem, lúbrica, sensual—fazendo lembrar primitivos e bárbaros «cancans» de prêtos em noites cálidas dos sertões africanos.

As bailadeiras, tôdas de exuberante juventude, sádias e pujantes na sua forte nudez, iam num crescente de entusiasmo, acompanhando-se com pandeiros, numa cadência dolente, melancólica, de irresistível magia.

(Conclui na pag. 24)

Troca de personalidades, troca de infelicidades

Dois irmãos que usam o mesmo nome baralharam por tal forma os seus destinos que não sabem agora como repôr as coisas nos seus verdadeiros lugares

SÃO dois irmãos. Um chama-se Serafim, outro Candido, ambos usando Moreira por apelido. Na idade pouca diferença fazem um do outro: o Candido tem trinta anos e o Serafim vinte e oito.

O mais velho, o Candido, que era despachante da Alfandega do Porto, quis já anos embarcar para o Brasil, mas surgiram-lhe obstáculos devido à sua situação militar. Foi então que o irmão, o Serafim, que não acreditava na árvore das patacas, não pensando portanto em ausentar-se de Lisboa, lhe lembrou um *truc*: embarcar o Candido com o nome de Serafim. Se assim se pensou melhor se fez. Lá foi para o Brasil o sr. Candido Moreira com o nome de empréstimo de Serafim.

Enquanto o irmão andou longe, no outro lado do Atlântico, Serafim foi levando conforme pôde a sua existência no Porto. Vive na Rua Soares dos Reis, em Gaia, e é empregado em uma mercearia por atacado, na capital do Norte. Encontrou uma rapariga honesta que lhe fez cócegas no coração — e resolveu casar. Foi-se deixando viver na companhia da esposa, que muito estima, trocando de vez em quando correspondência com o Candido, que andava pelo Brasil a lutar pela existência.

Mas o Candido, que tóda a gente julgava no Brasil chamar-se Serafim, ao cabo de algum tempo de lá estar tomou-se de amores com uma rapariga, um pouco leviana, que era empregada em um cinema.

Talvez devido à influência do meio, essa rapariga era propensa a repetir na vida os filmes que via correr no *écran*. Enamorada do Serafim, depressa entendeu que a melhor scena, o episódio mais belo a representar, seria o final, o remate de certos filmes românticos em que os dois namorados, depois de lutarem com dificuldades de tóda a ordem, desde os bandidos do Texas que raptam a menina até aos gravateiros que armam uma cilada em recanto sombrio de mal afamado bairro, caem nos braços um do outro e beijam-se sôfregamente. A empregada do cinema beijava sábiamente, como uma *divette* de Hollywood, o namorado, o suposto Serafim, que afinal, aqui para nós, era Candido de báp-tismo. O pseudo-Serafim não soube bem como arranjou aquilo, o que sabe é que foi obrigado pela justiça a casar com ela.

Mas como os papeis eram do irmão, do Serafim, que vivia sossegado e casado

em Gaia, com a esposa e os filhos, o Candido teve que casar com o nome de Serafim, de forma que legalmente quem casou não foi o Candido, foi o Serafim, que já era casado.

Eis como o Serafim, muito descansado



da sua vida, no Porto tranqüilo, pratica no Brasil o grave crime de bigamia.

Esta confusão de documentos e personalidades é grave, muito grave, mas não menos grave é o caso da menina do cinema ter aprendido também nos filmes a não respeitar o nome do marido e desatar a fazer maluqueiras escandalosas com outros homens.

Mas o Candido, isto é, o Serafim do

Brasil, gostava demasiado da mulher para dela se desquitar. Apesar do procedimento condenável da esposa, foi-lhe perdoadando sempre. E há cinco anos, saído da Pátria, regressou com ela a Portugal.

Aqui, os actos de Madame Cinema, chamemos-lhe assim, não foram menos escandalosos do que no Brasil. Aceitava os galanteios de tódos os homens, entregando-se-lhes, sem rebuço, mesmo com conhecimento do marido, o Candido. E ao cabo de um ano de permanência em Portugal fugiu para o Brasil.

Candido, sempre apaixonado, sempre paciente, correu-lhe no encaço, alcançou-a e convenceu-a tornar a Portugal, onde ela reatou as ilícitas amizades antigas, cultivando em especial os amôres de certo estudante que lhe caiu em graça.

A vida de Candido é, como se deve calcular, um verdadeiro horror. Nem as ameaças nem as palavras ternas convencem Madame Cinema a tomar juízo e a trilhar uma linha de conduta séria, que não manche o nome do marido.

Às vezes, quando as reprimendas do Candido são mais violentas, a mulher adúltera bate-lhe o pé e opõe-lhe esta desculpa genial:

— Tu nada tens que ver com a minha vida. Sou casada com teu irmão Serafim e não contigo. Portanto, tu cala-te, porque és o primeiro a proceder mal atraíndo teu irmão!...

E' estupenda esta lógica. Candido, ao escutá-la, emudece, vencido, aniquilado, porque na verdade — perante a justiça brasileira — foi Serafim Moreira que casou e não êle.

O Serafim, o que nunca foi ao Brasil, o que ficou pacatamente em Portugal e é casado com uma mulher honestíssima de quem tem dois filhos, é que não anda contente com a história, porquanto, se na verdade é o irmão o moral e materialmente atraído, o seu nome Serafim é que é enovelhado.

Serafim arrepela-se, puxa os cabelos e não sabe como resolver a intrincada situação. O Candido, obsecado por Madame Cinema, não dispõe de energia nem de vontade para se impôr à mulher; e esta — cujo quilate os leitores já avaliaram — aproveita-se da dúbia situação para fazer uma dupla traição, gozando os seus deliciosos frutos impunemente.

Nenhum deles sabe resolver o problema. Talvez os leitores lhes possam valer, indicando-lhes uma saída.

COMPANHIA PORTUGUESA DE TABACOS

Arrendatária das fábricas do Estado

Esplêndida marca

Azes

10 CIGARRILHAS
PREÇO EXCEPCIONAL
70 CENTAVOS

Bastidores da escravatura branca internacional

(Continuação da pág. 11)

família, que um traficante sem escrúpulos já teria vendido decerto.

— Não conheces o ultimo grande escândalo de Buenos Ayres sobre escravatura branca? — perguntou-nos Sergio.

— O ano passado, uma infeliz papillon polaca dos *dancings* do *bas-fonds* de Buenos-Ayres investiu desganhada na Comissaria Central da Policia e relatou a sua vida horrorosa, negociada ignobilmente por uma *insuspeita e bem vista* colectividade de compatriotas seus. Através da sua confissão apurou-se, além de várias minudências repugnantes do negócio do vício, a venalidade de algumas secções da policia local. A infeliz sabia o que representava de perigoso, de temerário a sua denúncia, e por isso pediu de joelhos que a protegessem. Tinha a certeza de que na primeira esquina cairia varada por uma bala. A pistola dos *caftans* não perdôa. Crimes misteriosos e incompreensíveis para a policia, que os atribuiu a amôres mal correspondidos, apareceram súbitamente esclarecidos.

«Um juiz severo e recto tomou o caso a peito. Tentam suborná-lo, êle revolta-se

e as investigações começam implacaveis. Destituem-se funcionários e guardas venais; organizam-se grandes rusgas por tôdos os antros da capital, que levam à cadeia alguns elementos de menor importância. Depois, por confissão e denúncia, a grande rêde de corrupção e infâmia é posta a descoberto. Dentro e fóra da cidade assaltam-se inúmeros bordeis e agências do tal club *insuspeito e bem visto*. Estas diligências custaram a vida a dois comissários e sete guardas da policia. Por fim fóram pronunciadas, como autores e cúmplices dêstes crimes, duzentas e oitenta pessoas de tôdas as categorias sociais.

O maior número dêstes *caftans* é formado por judeus, polacos e russos, proprietários de grandes estabelecimentos comerciais. A tal colectividade *bem vista* funcionava como Centro Patriótico da nacionalidade dos arguidos.

— Há uma Dona Marina — conta êle sorrindo — que vem a Coruña buscar *las pobrecitas de sus sobrinhas* e, com o máximo desplante, em pleno «fumoir», declara-nos alto e bom som ir *pegar las mas gupas de su provincia*, visto que

as *crioas gananciosas quieren mucha plata* e não dão resultado...

«Madame Jeannette, proprietária do mais *chic rendez-vous* de São Paulo, como afirma na sua livre propaganda, insiste em que visitemos a sua casa quando regressarmos a Santos, prometendo-nos que lá encontraremos *les plus belles nouveautés de Paris*.

«E até uma portuguesa, tipo minhoto, carregada de ouro, que traz consigo quatro belas moçoilas para «nos servir», horas antes de atracarmos ao Rio de Janeiro, onde o seu excelentissimo espôso a espera, mete-nos na mão, por despedida, um cartãozinho minúsculo da sua *conceituada pensão* que, a arte o nosso sorriso sceptico, ela garante ser da máxima *confiança e seriedade*.»

Gastão Sergio interrompen-se para olhar o relógio.

Ergueu-se e, ao estreitar-nos a mão, disse-nos ainda:

— Há muito e muito que contar. Ficará para outra vez.

Ageitou os óculos de aros de tartaruga e abalou...

REPORTER MARIO

Dinheiro!!

Empresta-se sobre ouro, prata, joias, papeis de crédito e tudo que ofereça garantia, ao juro da lei.

CASA DE CRÉDITO DOS CLERIGOS

Fundada em 1888

Travessa dos Clerigos, 6—PORTO

RADIO

ILUMINAÇÃO

"Philips"

Consultai o revendedor que melhores vantagens vos oferece:

Felipe de Lemos

RUA DA CERCA, 272

Foz do Douro

3 Camisas por 5\$00

Inscruva-se nas vendas a prestações com bonus podendo na ocasião da inscrição possuir a mercadoria

PEREIRA BARBOSA

R. Sampaio Bruno, 14-B, 1.º

Porto



PELES

Casacos, echarpes e raposas nacionais e estrangeiras. Pelaria das melhores procedências para confecções. Curte, tingi, limpa, transforma e confecciona todas as peles. Envia-se amostras para a provincia e remetem-se encomendas contra reembolso.

Grandes abatimentos às modistas — Formidável sortido em malas, pastas e carteiras.

Esta casa executa concertos em capas de borracha, malas e tingi com perfeição

A NACIONAL

Fábrica de malas, carteiras, pastas e confecções de peles

A. FERREIRA VEIGA, LTD.

Rua da Palma, 34, 1.º—LISBOA

Telefone N. 3624

NOTA — Não confundir esta casa com qualquer outra semelhante, pois é "A Nacional", a mais antiga no género e a que melhor serve e mais barato vende.

A. MARQUES

R. da Prata, 103-2.º—LISBOA

TELEF. 26346

Vem por êste meio declarar que continúa recebendo as prezadas ordens dos [Ex.ªs Clientes, na morada acima, onde possui os mais lindos e variados padrões, confeccionando tôdas as obras segundo os modelos da casa ADAM. Igualmente previne a sua Ex.ª Clientela Militar de que se executam tôdos os artigos da especialidade com os mais variados padrões, dos quais possui um enorme sortido.

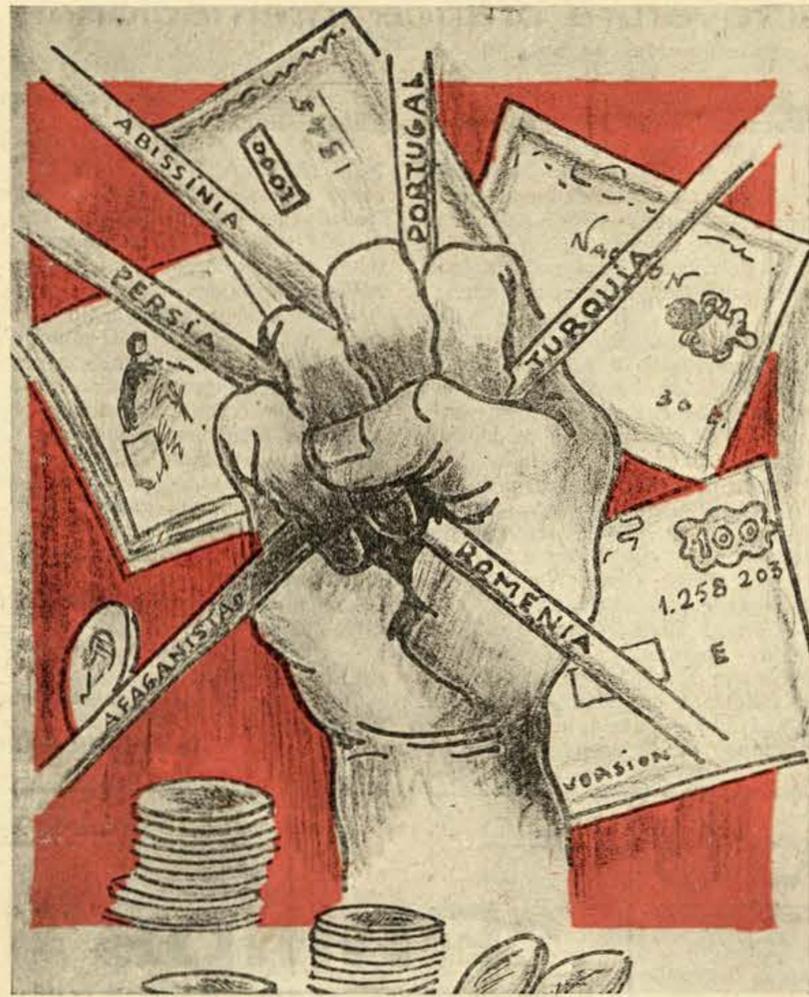
Aventuras e desventuras de Waterlow

O homem que fabrica dinheiro

Reconstituição inédita do prólogo do B. A. & M. — A insinuação de Waterlow —

A floresta dos incríveis — O passado, as aventuras e as "gaffes" de Waterlow

— Episódios onde a boa fé se torna suspeita — No Tribunal — O baetão dos condenados à força e a cabeça de Waterlow — Frases soltas — Visita incógnita à fábrica de notas — Como se fabrica o dinheiro — Impressões, paradoxos — O trapo — O sábio das notas — O "t" das notas de 500\$00 — As notas da Abysínia, da Turquia e da Persia — A espionagem — O homem que só falsifica notas uma vez por ano — O gabinete de Waterlow e o fantasma de Sousa de Lencastre



I PARTE

Como começou o folhetim B. A. & C.

A PRIMEIRA ENTREVISTA

NO dia 5 de Setembro de 1924, um destes taxis anti-diluvianos de Londres irena frente ao 73 de Westerly Street. Dêle apeia-se um sujeito rechonchudo, ruivo, burguesíssimo, cujo rosto, redondo — esférico — e avermelhado, se confundiria com um queijo holandês se lhe colassem um rótulo de marca registada ai pelas alturas do nariz. Diálogo rápido com o porteiro; um bilhete de visita que circula; e pouco depois o recém-chegado sobe a um gabinete do 1.º andar. E' um gabinete coquette, com tapete vermelho; gravuras falsas pelas paredes; um busto de bronze entre as duas janelas e mobília estilo império. Por detrás de uma secretária ergue-se um dos directores da empresa — um gigante de torax cilíndrico, faces rubras, queixudo — e um olhar claro, «franzido», sorna, dilatado por umas lunetas vulgares. Os dois indivíduos observam-se, viglam-se — em silêncio; e qualquer, antes de começar, engole em seco e humedece os lábios com a ponta da língua — grave sintoma que antecede sempre as declarações insinceras e... suspeitas:

— O sr. Karel Marang?
— O sr. Waterlow?
Apertam as mãos e sentam-se.

(Um aparte. E' assim que misencenam o episódio no processo; mas tenho

razões de sobra para crêr em que, na ocasião de Marang visitar Waterlow, este não estava só. Ou então foi aquêlê — Marang — que se fez acompanhar de uma terceira personagem. Existe até uma testemunha de boa memória que, interrogada por mim, afirma, sem outra preocupação do que a de informar, vasculhando as reminiscências:

— Mas eu ia jurar que quando esse senhor cá esteve a primeira vez — vinha com um amigo do patrão...)

... Do interior do edifício vinha até ao coração do visitante, compassando-o no mesmo ritmo, o ruído matraqueado e metálico das máquinas impressoras de notas, em plena actividade. Era como que o prelúdio musical, acompanhando harmoniosamente o poema visionário de riquezas sem fim que devia então entoar-se no segredo da alma de Marang. E Marang, animado por aquêlê ruído, compõe uma atitude, misteriosa e grave, e confiança, num cochichar de complot, quasi ao ouvido de Waterlow.

O governo português pretendia salvar Angola duma crise financeira afilitiva, regando-a de dinheiro para lhe garantir um futuro doirado de prosperidades. Conferenciou com os directores do Banco de Portugal e ambos acordaram confiar ao seu «grupo» luso-holandês uma enorme emissão clandestina. Esfalfado pelo esforço da tirada, Marang desembolsa alguns papéis — uma carta vulgar do Banco, um contracto, e um modelo de nota de 500 escudos, inquirindo precipitadamente o quanto do orçamento dêsse trabalho — como que para evitar perguntas comprometedoras. E' assim,

pelo menos, que eles contam «el cuento» — como se Marang tivesse vindo encomendar cartazes para touros ou bilhetes de visita.

O fabricante de dinheiro, sem uma dúvida, num silêncio meditativo; sem uma reflexão, soltando uma banalidade sobre os preços da casa (que em nenhuma parte fariam a obra em melhores condições...), acrescentou, calmo, sim — mas quasi compungido:

— Que pena! Essa nota (a que Marang apresentara como modelo e em que o suave e doce poeta das crianças e dos simples parecia olhar com irónica tristeza para a cifra de 500\$00 marcada nos angulos — quantia essa que êle, João de Deus, poucas vezes contemplou em vida) não foi nunca encomendada pelo Banco de Portugal à minha casa. E' trabalho dum outro fabricante...

O holandês devia ter cambaleado! Um plano tão bem preconcebido, medido, estudado, um projecto que Waterlow acolhia com tal benevolência — destruído num momento, por uma perrice do Destino ou por uma imprudência. Mas pouco lhe durou a dor da desilusão. Waterlow prosseguiu — como que a insinuar uma saída, um salvamento:

— Se fôsse o outro modelo, o de Vasco da Gama, então sim — era fácil, facilímo. Há pouco tempo ainda que o Banco de Portugal me encomendou uma dessas emissões. Possuo mesmo as chapas que serviram à impressão...

E para que a insinuação fôsse completa premiu campainhas, chamou empregados e rematou — exibindo o material gráfico:



Entrada para o Tribunal

(Foto «Reporter X»)

— Vê? Se fôsse este modelo — teria muito prazer em servi-lo...

Ora Marang de tólo não tinha nada. Mesmo na hipótese confessada por êles, a hipótese de que não havia ali um fantasma a casar fluidos e a es-

facelar, silenciosamente, tódas as dificuldades — bastavam as palavras de Waterlow para que Marang visse logo a reviravolta que devia operar...

— E daí... — disse êle, levantando-se... — Dai



Uma nota da primeira e única emissão de Montenegro (1914), feita na casa Waterlow

talvez seja êrro meu... Se mee dá licença, volto dentro de meia hora...

WATERLOW INSINUA...

Meia hora depois regressava ao gabinete de Waterlow tódo afogueado. O fazeedor de notas aguardava-o com um sorriso que significava: «Vamos a vêr se me compreendeste...»

— Afinal era eu que estava em êrro... — confessa Marang desencantando da carteira uma nota de 500... — modelo Vasco da Gama... Como trazia as duas nos bolsos — ttroquei-as. E' esta e não a de João de Deus que o governo português deseja emitir clandestinamente...

Waterlow, alargando mais o sorriso, — prenda rara no seu carão franzido e ruibundo — pôs logo mãos à obra... Primeiro — tratou dos preços, negócio fechado em 5.000 libras... Depois — uns detalhes insignificantes... A quanto montaria a primeira remessa? Cem milhões de escudos? Pois que fôsse Marang sossegado; que as suas máquinas, máquinas milagrosas, máquinas-pechinhas, máquinas da Fortuna — máquinas de fazer dinheiro — começariam, sem perda de um dia, a fabricar as notas encomendadas. E com respeito a discreção — êle era discreto como um chanceler da Corôa. Sabia guardar um segredo de Estado... Escusavam, o Banco de Portugal ou o próprio governo português, de fazer-lhe perguntas — porque para êle Waterlow só existia um banqueiro, um governante nesse país: era o holandês Marang!

Eis, talvez com algum detalhe inédito, a scena tal como Waterlow e Marang a descrevem, a scena que eu hoje, visitando a fabrica Waterlow sob um pretexto banal, reconstitui, espregitando o gabinete vazio que lhe serviu de cenário, através de uma

porta aberta; eis a razão em que o Banco de Portugal se apoia para exigir de Waterlow, no processo em julgamento, 100.000 contos de indemnização...

Mas é esta a verdade dos factos?

A BOA-FÉ DE MÁ-FÉ

Vejamos... E' crível que um homem cujo negócio é fabricar dinheiro confie num estranho, um estrangeiro da sua patria e da patria dos que êle se diz embaixador financeiro, até ao extremo de aceitar, após dez minutos de palestra, o encargo de imprimir uma fortuna imensa em notas? E' crível que essa boa fé o levou até ao extremo de usar do material gráfico que o Banco de Portugal lhe confiou? E' crível que esse homem aceite a inverosímil história de um governo que para realizar uma emissão, mesmo clandestina, encarregue o Banco emissor... de a confiar... a um comerciante vulgar dum país estrangeiro? E' crível que Waterlow admittisse a hipótese de qualquer governo chamar um Marang para lhe confiar um segredo de Estado desta alta importância? E' crível que Waterlow não perguntasse a si próprio porque é que o Banco de Portugal, aliás seu cliente, não negociava e realizava a emissão directamente, evitando a inconflência de terceiro (aliás estrangeiro) e guardando para si os lucros que esse terceiro havia de reservar para êle? E' crível que Waterlow, por muito melindroso que fôsse esse segredo (e por isso mesmo), não procurasse uma das mil formas possíveis de se avistar com qualquer dos directores do Banco de Portugal para que, sem testemunhas, se libertasse de responsabilidades futuras? E' crível que um experimentado fabricante de dinheiro, depois de Marang

lhe haver exibido um modelo inédito na casa, fôsse insinuar-lhe a contra-partida indicando-lhe o modelo que convinha e confessando-lhe estar de posse das chapas? E' crível que, quando Marang voltou com o modelo por êle insinuado (facilímo de encontrar, em meia hora), não desconfiasse, sobretudo depois de lhe ouvir as explicações que são duma infantildade irrisória?

Não! Nada disso é crível. E', pelo contrário, incrível — como incrível é que êle, depois do alarme, se negasse a enviar os peritos reclamados, com tóda a urgência, pelo Banco de Portugal e que só dois anos depois do escândalo informasse o Banco sobre a forma de reconhecer as notas da emissão-burla — um «t» microscópico afundado no oceano de sinais litográficos que lhes servem de fundo...

Mas — há mais grave! Waterlow era apenas o rótulo da casa. Os seus sócios pareciam temer a sua actividade — e afastavam-no. Ele era quasi um estrangeiro na sua própria empresa. As circunstancias porque êle assumiu a provisória direcção da fabrica (chamadas à provincia, negocios imprevisos, férias a la surprise que obrigaram tódos os gerentes a ceder-lhe o lugar) deram-se precisamente semanas antes da visita de Marang e duraram... o tempo que foi preciso que durassem. Mais ainda: era a primeira vez que êle Waterlow pilotava, sosinho, a sua empresa.

A RADIOGRAFIA DO PASSADO DE WATERLOW

Já telegrafei para o «Reporter X» as benévolas explicações com que os optimistas tentam ceifar este trigal de «incríveis» e de «pontos de interrogação» que eu a êsmo semeiei. Curteza de inteligência, pro-



Waterlow, com o traje tradicional de Lord Mayor de Londres, ao lado de sua esposa, nos bons tempos em que a vida lhe corria beu



Entrada do célebre Hyde Park de Londres. A moradia de Waterlow e o terceiro prédio à direita

pensão para a gaffe: vaidade frívola mas desmedida; as anteriores citadas que lhe armaram (?): a da faisa emissão húngara, que os sócios evitaram a tempo; e a de um negócio não menos falso com o governo turco (1913-14) em que ele, pessoalmente, perdeu 10.000 libras; o exemplo do segredo de Estado dinamarquês que levou o concorrente Wors a ser recebido pelo rei Cristiano e a receber uma condecoração, aguçando-lhe a já evocada vaidade até ao ponto de o fazer regressar, com capitais novos, à fábrica de notas que o pai fundara (e não que lhe fundou, como por lapso safo) — só para se colocar na contingência de participar de um segredo de Estado e de o condecorarem; as possíveis demarches junto do governo português para que o agracassem com qualquer Ordem — mal completou a primeira encomenda do Banco de Portugal, etc., etc., — são realmente desculpas, fortalecendo a hipótese de negligência pela qual ele está sendo julgado... Mas é que nunca, nos episódios do seu passado, se acumulam tantas gaffes, tanta inverosimilhança — como neste. E não é só isso! E' que radiografando como eu radiografei esse seu passado, podemos vê-lo, por vezes, vítima da sua boa fé; mas sempre, tanto nos casos em que ele é burlado como nos em que não o foi (e estes também abundam e a eles me referirei na devida altura), perpassa, subtil, duma subtilidade que contrasta eloquentemente com a sua pretensão de boa-fé, um anzol com isca suspeita — em que Waterlow dá a nítida impressão de querer pescar nas mesmas águas, turvas ou azuis, dos escrocs que o burlam — quando o burlam.

E' este, em rabiscos de lápis, o réu! E' esta, em traços rápidos, a causa que se julga em Londres...

O JULGAMENTO N.º 1: O DO TRIBUNAL

Um palácio enorme, neo-gótico (1872), a que a ferrugem de Londres, encardindo-lhe a pedraria rendilhada, falsifica, quasi, em velho-gótico. Dá a impressão duma igreja. Um turista sem «Baedeker» não pode supor nunca que se trata de *Royal Court of Justice* — o Tribunal de Londres. Tem a solenidade de uma catedral. A grande nave, sem a magestade nem a tortura das ogivas manuelinas, recorda os Jerónimos. Para que a sugestão seja completa — até as lápides comemorativas estão emolduradas em corças e flores sequissimas — como se fossem pedras tumulares de cadáveres gloriosos. Ao atravessar o vestibulo — supomos escutar os gemidos de um órgão longínquo... Mas se nos encaminharmos, em extasi de visionários, para o lugar onde devia erguer-se o altar — despertamos ante a contemplanção inesperada de longos balcões, E' o bar do tribunal — bem fornecido de pipas e de garrafas. Tudo o elenco da justiça, em cujas cabeças alvejam, sem uma excepção, as tradicionais cabeleiras — com fábicho enlaçado num fitilho, umas; encaracoladas até ao peito ou frisadas até à nuca, outras — mas todas fantasmagóricas como se desabassemos dentro da época

pombalina: advogados, escrivães, melrinhos bebem licôres, cervejas, «whiskys». Chega até nós o perfume morno e apetitoso de uma cozinha... E' que atrás do «bar» estende-se um *restaurant* de afamada culinária, servido por entocadas e airozas *girls* — como em qualquer *lunch-room* de Piccadilly — e a preços muito mais moderados. A imponente justiça inglesa também bebe e também come. A justiça, as testemunhas e os próprios réus. *Bar* e *restaurant* estão abertos a toda a gente...

Ah! A Boa-Hora — «china town» imundo e agoniante, de soalhos encardidos e bordados pelas ratas e as paredes ulceradas pela ruína. Ah! Tribunal de S. João Novo — esconso sombrio, velho convento encontrado no caixote do lixo do casario portuense, de muros leproso e do musgo a nascer nas salas (?) da audiência. Portugal é o unico país do mundo que possui semelhantes templos da Justiça. E em antítese — Inglaterra é aquela que mais a cuida e a respeita, até na sua materialidade exterior. Por muito exagerados, pagãos e espectaculosos que sejam os seus rituais e os seus cenários — há solenidade, magestade. O inglês, seja réu ou queixoso, enfrentando *esta justiça* sente confiança nela, como num rosto que seja espelho duma alma nobre e duma consciência limpa... Vê-se na «cara» do tribunal rectidão, imparcialidade — justiça!

Mas...

O BAETÃO SINISTRO E OUTROS EPISÓDIOS

Um corredor que recorda um claustro; dois *policeman* sem capacete e com divisas de sargento (um deles arranca-me o *kodak* como se fosse uma navalha; o outro impinge-me um bilhete para o beneficio musical em favor de qualquer asilo de órfãos policiaes ou coisa parecida...), e eis-me na sala onde Waterlow vai ser julgado.

Ora como — para mim e a meu vêr — o verdadeiro julgamento de Waterlow é fóra do tribunal, porque é lá que se oculta o que eu busco; como, quando o *Reporter X*, semanário, publicar a reportagem do meu julgamento (meu, porque nela sou juiz embora Waterlow continue a ser réu) já os diários, através o telegrafo, terão taquigratado toda a «contra-regra» das audiencias — limitarei este capítulo a uns rabiscos na caixa de fósforos...

1.º — São nove horas... Conto os portugueses que se agrupam e palestram e riem, como numa tertulia de café lisboeta, e com certa e patriótica e simbólica barulheira: dezoito. Uma senhora — a esposa do conde da Povoá — que, a parte, conversa em inglês com duas «ladies» — esposas dos procuradores do Banco de Portugal. Silêncio brusco, guilhotinado como uma lâmina o brouhaha portuguesissimo da sala. O juiz Right, velho, miúdo, mais pombalino que todos os outros sob a cabeleira enorme que o abafa, com uma larga faixa vermelha do ombro à cinta, punhos e bofes brancos e arrendados, — recordando uma

eminência, desdentada do século XVIII — trepa ao seu pulpito, relanceia um olhar sincero pela assistência, senta-se e começa a lêr, fanhoso, sonolento, monócórdio, numa ladainha de velho cura, a sentença do julgamento anterior. Coincidencia pitoresca: trata-se de um conflito comercial entre a casa Kodak e a casa Vickers, sobre contractos de material de guerra para varias repúblicas sul-americanas — em que se cita por três vezes o nome sinistro de Zaharoff, «o homem mais misterioso do mundo» a que o *Reporter X* dedicou, há nimeros, as suas páginas centrais... E quando, três horas e meia depois, o juiz Right termina a leitura — só três dos dezoito portugueses estão acordados... O caso não é para menos.

2.º — O Dr. Vasco Borges, testemunha presente do processo Waterlow, juiz de igual categoria à de Right e cuja mocidade e latinismo — apesar do tom alourado do seu rosto — oferece um pitoresco contraste com a quasi eclesiástica e severa velhice do colega inglês, informa-me, a meio de uma palestra em surdina, que Right ganha apenas 8.000 libras anuais (ou 800 contos) além de 3 libras por cada audiencia a que preside... Uma justiça paga a tal preço tem de ser, sem sofisma possível, quimicamente pura. E' oportuno recordar que os nossos juizes — se não erro — ganham três contos mensais ou seja tanto por ano quanto os seus colegas ingleses por quinzena...

3.º — Waterlow assiste ao julgamento desde a primeira audiencia. Está aparentemente tranquilo. Senta-se na bancada atrás da dos jornalistas portugueses. A' nossa frente, redondos, massivos, atarracados, sentam-se três dos principais membros da casa Waterlow. Falam à vontade. Waterlow tenta gatafunhar-lhes uns sinais... Como eles não o entendem, escreve um bilheteinho que lhes faz passar. Dum relance, sorvo com a vista alguns vocábulos... E' um aviso a serem prudentes, porque os *portugueses newspapermen* vizinhos podem escutar-lhes confidencias perigosas...

4.º — Quando Devan, o advogado de acusação, ao início da leitura da parte, — que durou três ou quatro dias — evoca a effigie de Vasco da Gama na nota de 500\$ apresentada por Marang — o juiz Right interrompeu-o para exclamar:

— Vasco da Gama? Oh! *Yess! Y know!* Foi grande descobridor!

E durante cinco minutos, quebrando a serenidade britânica do seu porte, refastelando-se e tomando o ar de professor bonacheirão, dá uma lição de história portuguesa elementar sobre os feitos do glorioso nauta, que os advogados, escrivães, melrinhos, o público e os *policemen* escutam, muito atentos e divertidos... E' o primeiro favôr que Portugal fica devendo a Waterlow — este de uma dúzia de ingleses terem aprendido de cór um capítulo doirado da nossa história... Mas eis que pouco depois vêm à baila as notas da chap João de Deus — e aí é que nem juiz nem advogados conseguiram brilhar. O pobre autor da «Cartilha Maternal» foi Cheau, Xueiau, Zoau, Diez, Dos, Deose, Tzoes...

— E esse *gentleman* o que era? — indaga o juiz. — Navegador também?

— Não *sir* — elucida Devan, a quem o dr. Mario Pinheiro Chagas, o diplomata do grupo português, cochichara algo ao ouvido. — Era poeta...

— Pois bem, Chamemos-lhes as notas do poeta! — ordenou Right encurtando razões.

As *notas do poeta!* Pobre João de Deus! Que ironia a do teu destino...

5.º — A sala onde decorre o julgamento, e que pertence, há muito, ao tribunal civil — já serviu de palco às tragédias do tribunal comercial. Esta informação era indispensavel para tornar verosimil o episódio que segue... Na quarta audiencia, o juiz necessitou de consultar uma papelada — vasculhando as gavetas. E contrafeito pela posição a que esta manobra o sujeitava, teve um gesto nervoso — espalhando-se no chão uns livros, e sobre os livros uma boa tira de pano negro — dir-se-ia um baetão de luto... Quem, nesse momento, estivesse, como eu estava, vigiando Waterlow, que se sentara voluntariamente no banco dos réus, á falta de outro lugar na sala apinhada — teria notado, como eu notei, que o impávido profissional da boa-fé, vermelho de natureza, se

(Continua na pag. 21)

Os subterrâneos do "affaire" Waterlow

O desdem do fabricante de notas — A súbita erudição do advogado de Waterlow — Duas vitimas de Waterlow — Como descobrimos o «affaire» Canadá, as manobras de Sousa Lencastre e o misterioso orientador português — Afonso Costa finge que regressa a Paris, mas fica em Londres — Um bilheteiro de teatro, capitalista arruinado — Ao telefone

LONDRES, 17 — (Pelo telégrafo). — Evidentemente que, para um jornal como o nosso empreender uma reportagem desta natureza não é para dar, como *O Seculo*, tão brilhantemente representado, o relato diário e pormenorizado do julgamento. Sendo um semanário deve oferecer aos seus leitores a síntese irredutível não só do que se passa no tribunal como nos bastidores deste *affaire*.

No momento em que telegráfo, o Banco de Portugal esgotou o seu rol de testemunhas — testemunhas a mais do que as necessárias. Fechou a série com o depoimento do sr. Inocêncio Camacho, que me surpreendeu pela chalaça bem portuguesa, com a qual ganhou as simpatias do severo juiz, que riu a bom rir das suas piadas, pouco faltando para ambos trocarem as suas aneddotas em pleno tribunal.

A testemunha Soares Branco ia prejudicando gravemente a questão devido à confusão das suas declarações, confusão que ressaltou em toda a evidência quando Waterlow depôs em sentido oposto.

Waterlow começou a depôr sereno, indiferente, como se em vez de milhares de libras se tratasse de uma dúzia de vinténs. Confia no seu *truc* de uma suposta ruína para escapar-se ao castigo. As suas declarações foram desdenhosas. Declarou com sobriedade:

— Quando eu pretendi ir a Lisboa falar com os directores do Banco de Portugal, só vi o sr. Soares Branco, simples secretário que não merecia a menor confiança para tratar de um assunto desta categoria!

O juiz perguntou-lhe, então:

— Porque não seguiu o conselho de Walker?

— Walker — respondeu Waterlow — tem costela portuguesa. Nada em Portugal me inspira confiança.

O *Times* publicou um artigo favorável a Waterlow. Apesar da evidente razão que a Portugal assiste, o inglesismo começa a manifestar-se.

Mesmo que o Banco de Portugal ganhe não receberá a indemnização que pede, sendo, por outro lado, notáveis as suas enormes despesas com o processo. Como se sabe, cada advogado do Banco ganha cem guinéus por sessão, fóra a soma geral, e são três advogados; além disso vieram muitas

testemunhas. Já aí é conhecida a *blague* de um jornal inglês que fez a conta a quanto custava o depoimento de uma testemunha que apenas proferiu algumas dezenas de palavras.

O advogado de Waterlow é o melhor de Londres, o do Banco também é muito bom, tendo como precioso colaborador o dr. Mario Pinheiro Chagas, que goza de grande prestígio aí como aqui. Ele, com superior talento, esclarece constantemente o tribunal sobre as leis portuguesas e em favor de Portugal. O advogado de Waterlow, pelo contrário, era de uma ignorância pavorosa a respeito das leis e costumes portugueses. Mas de súbito assombrou toda a gente com a sua inesperada erudição sobre os nossos códigos. Era espantoso. Essa metamorfose levou-me a investigar a sua causa.

Ora os meus leitores julgam que eu sou protegido por algum santo milagroso porque lhes ofereço sempre segredos inéditos e bem ocultos. Os meus inimigos atribuem isso à minha fantasia. Tanto uns como outros erram. Apenas a minha orientação técnica me leva a farejar certas causas inexplicáveis nas zonas que os outros desprezam. Foi assim que consegui descobrir o *truc* de Waterlow organizando a sua suposta ruína na questão do Banco do Canadá, o fantasma de Sousa Lencastre e agora o segredo da erudição do advogado de Waterlow.

Um dia, falando com o meu amigo, médico italiano, dr. Rampagni, contou-me este como perdera muito dinheiro, por causa de Waterlow, no negócio do Canadá, mas que quem conhecia bem o assunto e os mistérios do fabricante de dinheiro era um bilheteiro de um teatro de Londres, antigo capitalista arruinado pela mesma causa.

Fiz-me então amigo do comediógrafo Harwood, autor da célebre peça *Cynara*, pedindo-lhe os direitos de tradução para português, e assim consegui conhecer o bilheteiro, que me contou tudo o que sobre o caso Canadá já publiquei.

Sousa Lencastre é filho de um roceiro de Angola. Já foi condenado em Portugal por *escroquerie* durante a guerra. Andou com Oscar Bianc, estando na lista negra inglesa. Em 1923 fundou em Paris uma empresa comercial, que falhou. Veio então para Londres e fez-se amigo de Waterlow, sendo seu representante em vários negócios. De súbito, partiu para a Holanda, de onde voltou semanas antes da vinda de Marang. Foi ele quem orientou Marang na escolha de Waterlow, informando-o da existência das chapas e garantindo-lhe discreção e segredo no negócio. Se é inverosímil que Waterlow aceitasse cegamente a proposta de Marang, também é inacreditável que Marang, prudente como é, fosse o único do grupo que ousasse falar a Waterlow se não tivesse antes a garantia do silêncio deste. Quando ele entrou na casa Waterlow sabia de antemão que o fabricante de dinheiro estava prevenido e, em caso algum, o denunciaria. O mesmo nosso informador diz que Sousa Lencastre ganhou cinco mil libras no negócio e é actualmente sócio de Marang. Foi ainda o mesmo bilheteiro quem me anunciou a presença de Marang no Oxford Hotel, o que Adelino Mendes confirmou dias depois, vindo-o no tribunal.

Durante alguns dias vigiei o hotel. No dia 8 consegui vê-lo e abordá-lo. Disse-me secamente:

— Muita gente me toma por esse senhor. Sou muito parecido, e nada mais.

Não insisti. Compreendia a sua prudência. Mas soube que no dia seguinte ele se encontrara com um empregado superior de Waterlow no Café Mónico, entregando-lhe volumosos papéis.

Quando os portugueses se surpreenderam da súbita erudição do advogado de Waterlow, soube que este mandava todas as noites, impresso, o relato taquigrafado da audiência para o Hotel Savoia, dirigido a um nome esquisito. Estranhei o facto e resolvi descobrir o mistério. Telefonei para o Savoia e pedi que viesse ao aparelho o portador desse nome esquisito.

— Quem fala? — perguntei.

— ...

Era, realmente, um português.

Falando novamente com o bilheteiro, que tem sido um precioso auxiliar, informo-me dele que Waterlow, depois de ter buscado em vão um advogado português, encontrou um grande nome que ele ignorava qual fosse, mas sabia que estava no Savoia Hotel, ganhando três mil libras, fóra todas as suas despesas e ajudantes para os quais recebeu cinquenta mil francos. Apareceu, realmente, no tribunal um jovem advogado que ali foi poucos dias. Seria uma máscara do outro? O facto é que depois correu o boato de que Afonso Costa era o advogado de Waterlow. Afonso Costa, então, fez anunciar que regressaria a Paris, tendo apenas mudado de hotel para Kensington, bairro afastado.

O capital da casa Waterlow é de duzentas mil libras. As fortunas pessoais de todos os sócios somam mais de um milhão.

O grande escritor Edgard Wallace — traduzido em todas as línguas excepto em português — vai escrever uma peça para o Cambridge Theater, intitulada *The mystery Bank* (O Banco Misterioso), sobre o Angola e Metrópole. Entrevistado por mim declarou:

— Jamais a minha imaginação de romancista no género policial criou enredo semelhante!

A redução do capital da casa Waterlow foi recente. Anteriormente era de quinhentas mil libras. Isto demonstra a sua evidente precaução para o caso de serem forçados a indemnizar o Banco de Portugal.

REINALDO FERREIRA

QUEREIS DINHEIRO ?

Jogai no

Gama

Rua do Amparo, 51—LISBOA

PREÇOS CORRENTES

Pelo correio mais \$80 para registo

SEMPRE SORTES GRANDES!!!

METAIS-FERRAMENTAS

Rua do Loureiro, 86 a 92

Telef. 434 — PORTO

CASA DOS METAIS

Gomes da Silva, Ltd.

ESPECIALISTAS

Balanças, artigos

para a industria

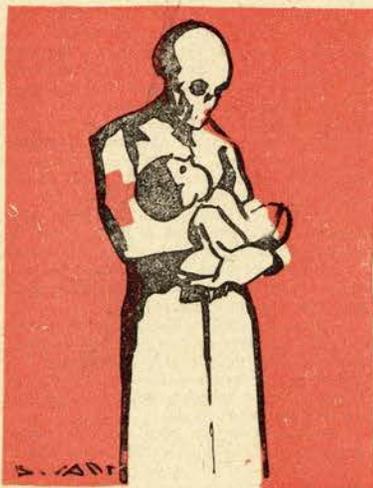
«T. S. F. X» é o posto receptor que «Reporter X» instalou para interceptar todos os «radios» cochichados pelos cafés, segredados pelos cantos da cidade, bisbilhotados pelos salões, pelos bastidores... Até aqui o potin jornalístico, o boato cor de rosa ou de cor da tinta da China, limitava-se a picar de oxigenio a gente de Teatro... Era o «Retroz Preto»... «T. S. F. X» faz com retroz preto os potins de todas as classes — da literatura, do mundanismo, da imprensa, dos cinemas, etc. etc....



NEGLIGÊNCIA GRAVE

Sempre alerta o posto receptor e transmissor do Reporter X, que está em comunicação permanente com as regiões mais longínquas, devassando segredos que se julgavam hermeticamente resguardados da publicidade, teve esta semana ligação directa com os hospitais de Lisboa, colhendo novidades curiosas.

Esta radio-difusão do Reporter X não



se limita unicamente á recepção fria e indiferente das mais variadas notícias de ocorrências produzidas em todos os meios. Vai mais longe: reexpede as mais interessantes, no intuito de, com a sua difusão, contribuir para a moralização dos costumes portugueses e eliminação de vícios e males de que enfermam certas instituições de utilidade pública.

Há dias, Vitória da Encarnação, sentindo as dores da maternidade, apresentou-se no Banco do referido hospital para ser admitida. Examinou-a o médico de serviço, o sr. dr. Pereira da Silva, que, afirmando que ela não estava ainda em trabalho de parto, a mandou embora. A infeliz, acompanhada pelo marido, regressou custosamente ao lar — um lar pobre, desprovido de quaisquer recursos e condições para abrigar uma parturiente. E, ao contrário do que o dr.

Pereira da Silva havia previsto, dez minutos depois de chegar a casa dava á luz uma criança.

Grande foi o alvoroço naquele lar desprevenido. Foi chamada á pressa uma parteira que graciosamente assistiu áquele acto triste. Até aqui nada de invulgar contem o rádio transmitido, pois dele já se fizeram eco os grandes diários ao recolherem os protestos indignados do marido de Vitória da Encarnação, pois o homem não se conformava que o médico do hospital recusasse a admissão da esposa naquelas melindrosas condições. O melhor veio depois — o melhor ou pior, como entenderem...

No próprio dia em que a notícia foi publicada nos diários, a criança recém-nascida adoecia com tanta gravidade que o pai se viu forçado a levá-la ao hospital, ao mesmo que lhe recusara a admissão da esposa. Ali, começaram por repreendê-lo, como quem admoesta um bebê, por se ter queixado á imprensa do que anteriormente sucedera.

Em seguida, examinaram o pequeno doente. Era realmente grave o seu estado, impondo-se o seu internamento. Uma auto-ambulancia foi buscar a mãe para interná-la com o filho, como é de uso nestes casos.

Mas estas medidas urgentes — talvez escusadas se a mãe tivesse sido internada em devido tempo — foram inúteis porque, no dia seguinte, a criança falecia de bronco-pneumonia.

O sr. dr. Azevedo Gomes, director do Banco, convidou o pai a comparecer para esclarecer o caso que dera origem á reclamação na imprensa. Recebeu-o rispidamente e depois de o escutar, de sobrolho carregado, perguntou-lhe:

— Mas você tem a certeza de que tudo se passou como acaba de contar? Assistiu a tudo isso?

O homem limitou-se a responder:

— Se não acreditasse na minha mulher, para que a queria eu?

A transmissão terminou por aqui...

TRÊS DIAGNÓSTICOS

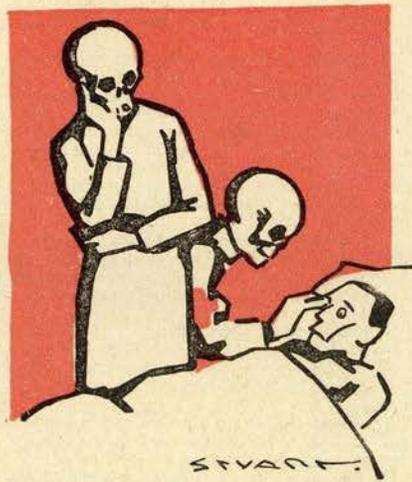
Allô!... Allô!... Allô!... Atenção!...

Atenção: em 24 de Novembro próximo passado, entrou muito doente no Hospital de São José um pobre homem cha-

mado João da Silva Mosca, de 45 anos, casado com Joaquina da Ascenção e pai de três filhos, de quem era o único sustentáculo.

Examinado pelo médico de serviço foi por este mandado internar no Hospital do Régo, em uma enfermaria-isolamento, visto o diagnóstico ser febre-tifoide.

No dia seguinte foi novamente examinado, desta vez pelo médico da enfer-



maria em que se encontrava. Este último facultativo, não se conformando com o diagnóstico do seu colega, mandou transferir o doente para a enfermaria de Santo Alberto do Hospital de São José, da especialidade de vias urinárias. Feita a transferência nesse mesmo dia e examinado o Mosca mais uma vez na última enfermaria, outro médico, torcendo o nariz, diagnosticou pneumonia, motivo porque no dia immediato foi transferido para a enfermaria de Sousa Martins, onde se conservou dois dias.

Mas o diabo tece-as... O pobre Mosca resolveu morrer antes de novo exame e outro diagnóstico, em 28 de Novembro último.

Morreu de quê? O respectivo boletim informava: febre-tifoide.

— Allô!... Allô!... Minhas senhoras e meus senhores: boa noite.

AVENTURAS E DESVENTURAS DE WATERLOW

Continuação da pag. 18)

ternara rubro, esgazeando, num lampejo aflitivo, os olhos avelhacados e azuis...

E' que no ritual espectacular e arcaico da justiça inglesa existe o costume de quando, um juiz vai lêr uma sentença que condena à força o o reu, antes de começar, encarpua a cabeleira num lenço tarjado de preto e desdobra, a tódo o comprimento da mesa, um pano negro. Quando o reu vê êstes preparativos—já sabe, sem que o juiz tenha aberto a bôca, que dentro de poucos dias esperneará dependurado numa corda... Foi por isso que o nosso compatriota, triste herói da tragédia do «Deseado», ignorando em absoluto o idioma inglês, caiu com uma síncope antes da leitura da sentença: é que conhecia o rito e virá executá-lo pelo juiz...

A quantos desgraçados aquêlê sinistro trapo serviu já de aviso de morte? A última sentença de morte dada naquela sala foi precisamente em Novembro de 1911—há dezanove anos—a um tal Joe Dawson, acusado de violentar e assassinar uma criança, e cuja inocência se provou três anos depois... Rodaram os anos, substituíram-se os tribunais, desfilarão os juizes, os reus, as causas—e o fatídico baetão negro permaneceu, esquecido e occulto, no fundo daquela gavêta—para, quási por um pouco, vir cair, em 2 de Novembro de 1930, em cima da cabeça de Waterlow... Justificadíssimo o esgar de mau goiço que contralou o carão, queixudo e franzido, do fabricante de notas...

6.º—Birkett, o advogado de defesa, deputado liberal e portanto adversário político de Devan, advogado de acusação e deputado conservador, não toma a sério Portugal. Uma frase entre muitas: «Ora... ora... então num país como o vosso, (o vosso!) indivíduos como êsses do Angola e Metrópole não têm categoria para fundar um Banco?» Outra: «O único prejuizo sofrido pelo Banco de Portugal em ter trocado as notas é o do valôr do papel, do material e dos gastos de impressão—e não o representativo da cifra das notas trocadas. O Banco não recebeu papel e deu ouro. Recebeu papel e deu papel.» Quere dizer: para Birkett, Portugal é uma espécie de casa Waterlow onde se fabricam notas como se fôsem programas de cinema...

7.º—O sr. Ulrich expressa-se muito bem em inglês. E sabe-o. Fez uma bôa figura a depôr—mas na preocupação de estar á vontade ficou no clichê visual da assistência numa pose contrafeita, preocupadamente á vontade...

E até á hora de escrever esta reportagem nada se passou digno de nota e de interesse para os leitores do «Reporter X»—porque o resto, repito, já os diários publicaram... Vamos pois ao julgamento... fóra do tribunal...

II

No antro das notas

A ODISSEIA DO TRAPO IMUNDO ATÉ SER DINHEIRO

Dinheiro! Que de lutas, que de esforços e sacrificios e sonhos e lágrimas e dores e crimes e alegrias e fatalidades êsse cavalheiro não provoca... O demônio do ouro chamou-lhe Camilo ao dedicar-lhe um romance. Mas hoje, na existência moderna, em que, na vertigem de viver muito em pouco tempo, tudo se sintetiza—o ouro, pesado, incômodo, intransportável, fica ou finge ficar, como um velho inválido, no conforto e na segurança dos cofres fortes. Quem vem para a rua, quem gira, quem passeia, quem circula, quem galopa e tenta e desvaira—são as suas filhas e filhos legítimos ou naturais as notas e os bilhetes de Banco. E como as meninas da moda, são coquettes, maquiadas por mil batons, vistosas, garridas, coloridas, ligeiras... Portanto, se Camilo

readitasse o seu romance, intitulá-lo-ia de *O demônio das notas*...

Nas notas agrava-se o poder de sedução que existia nas moedas de prata ou ouro. Por muito vastos que fôsem os bolsos, havia um limite rápido á sua capacidade para guardar essas moedas. Para as notas essa capacidade é elástica. Como deslocar-nos outrora com mil contos em libras de ouro? Hoje, atafulhamos bem as algibeiras, leva-se facilmente não mil—mas alguns milhares de notas... Depois a nota possui os segredos dum ilusionismo apaixonante... Pegue-se numa nota de conto e leve-se a trocar. O que sucede? E' como se o corpo chato do rectângulo de papel parisse um enxame de dez notas de cem, ou vinte de cin-



Adolph Hennies

quenta! Pegue-se outra vez nessa ranchada de notas de ouro e repita-se a operação. O que sucede agora? E' que as dez notas de cem ou as vinte de cinquenta multiplicam-se, num milagre, em cem notas de dez escudos ou em duzentas de cinco... Além disso os emissores capricham em embonecar as notas, em torná-las mais sedutoras, mais cativantes, mais cubicáveis do que as moedas... Uma nota de cem pesetas,— azul e alegre... Uma nota de cem francos—grave e sóbria... Uma nota de... Que pena não se poder coleccionar notas de tódos os países, como quem colecciona sêos...

A nota—que de prazeres, de alegria, não contém; que infinidades de sédes não sacia; de ansias não acalma!!! E' prodigioso—o armazem de «bric-à-brac», o chaveiro de gazuas, a escala de hipnose, a anatomia de musculaturas poderosas que se ancha dentro de uma nota. Que suave é ao nosso tacto a macieza do seu papel! Que feérico o seu espectáculo aos nossos olhos! Que embalador o seu canto—ao nosso espirito! Que emoção oferece o seu contacto, quando as recebemos, as contamos, as guardamos e as retiramos depois, uma a uma, para as gastar, para as desventrar, para as usar como talisman, como varinha de condão, como «tangerinas mágicas» a que podemos exigir tódos os caprichos, tódos os desejos, tódos os sonhos, tódas as cubicas—porque elas, num instante, numa simples passagem da nossa mão para a mão enclavinhada que as recebe, obedecem cegamente á nossa vontade...

E' afinal—o que é uma nota; o que era um bilhete de Banco antes de se entronizar no seu poderio divino? Uma fôlha de papel; e antes disso—um punhado de trapos arrancados aos caixotes

de lixo, com o qual fizeram uma pasta, para o transformar em papel... As notas não se entranham, esquivam, nos intestinos da terra; não rareiam como as pepitas de ouro; não rebrilham como essas minúsculas estrêlas que são as pedras preciosas; não exigem o sacrificio dos mergulhadores que cegam e morrem precisamente para as irem roubar ás conchas, no fundo do mar—como as perolas... Trapagem suja e nauseabunda, caixote de lixo, papel como êste em que eu escrevo, como aquêlê de que tu leitor te serves para tantos objectivos diferentes...—talvez um pouco mais aperfeiçoado e caro. Um artista a desenhar uma bonecada, como aquêlê que pintam postais ou lêques; um gravador a passar para as chapas a pintura do artista, umas latas de tinta, um bom operário—uma maquina de imprimir... Nada mais barato, mais fácil, mais ridículo... E assim, num curto espaço de tempo, os farrapos que os trapelros pescaram estão fregolizados num tesouro, que tudo compra, que tudo pode, que tudo exige e a quem tódos—ou quasi tódos—cedem honra, consciencia, o esforço, o cérebro, a alma, o sangue—até a vida. Eis o que é uma nota...

Mas tu nunca as vistes fazer. Eu já as vi...

UMA FÁBRICA DE NOTAS, POR DENTRO

Funda-se uma fábrica de notas como se pode fundar uma fábrica de sapatos. O material tem de ser caro e de primeira ordem e os operários bem pagos e verdadeiros artistas—sem dúvida. Mas o trapo, o trapo sujo, ignóbil, arrancado do lixo, e lixo êle próprio, não deixa por isso de ser o ponto de partida para a mentira da nota que depois se convenciona valer prédios, jolas, venturas, paraizos, existências inteiras... E dizem que há notas falsas. Mas quem nada mais falso do que a nota verdadeira—que é papel a fingir dinheiro, que é mendigo leproso mascarado de gentleman milionário?

Existem fábricas de notas na Alemanha, na Austria, na Suecia—mas as mais afamadas do mundo, aquelas que inspiram maior confiança aos governos e aos Bancos emissores são as inglesas. Entrem comigo numa dessas fábricas Suponhamos—a que está na ordem do dia: Waterlow & C.º... Street N.º... Waterlow, o rólulo humano da firma, que, como já disse, era excepcional frequentador da casa—nos últimos cinco anos, só três vezes galgou a escadaria que conduz aquêlê gabinete onde êle recebe, em 1924, o sr. Karel Marang. Não existe o perigo de êle me reconhecer. Falei-lhe em Haya. Tenciono abordá-lo ainda, antes da sentença—mas em qualquer circunstância êle não se afasta do Tribunal. Os seus sócios tampouco. Um amigo—Dr. Falconi, italiano, há vinte e cinco anos residente em Londres, e conhecido dum funcionário superior da empresa—improvisa um pretexto para o visitar e aproveita êsse pretexto para lhe apresentar o seu companheiro—um turista espanhol, que sou eu... Ciceronamos através do edificio... Primeira officina: a do papel... São folhas pequenas, amontoadas em pequenos lotes. Empregados experimentadíssimos, dispoño de tódo o material possivel de análise, examinam as várias qualidades, destinadas ás várias impressões, de forma que nem no pêsso, nem no tacto, nem na tonalidade possa existir a mais simples diferença em uma folha... O papel é encomendado scientificamente. Cada país tem o seu tipo de papel para cada nota. As fábricas obedecem rigorosamente. Mas como as máquinas nem sempre têm a subtilidade necessária—de cada resma, aproveitam-se, em média, dois terços apenas. A' menor anomalia—a folha é posta de parte.

O rigor começa na vigilância—podia dizer-se espionagem—que se exerce na fábrica de papel—explica o nosso guia.—Seria perigoso que saísse papel do tipo da nossa encomenda fosse para quem fosse... Por isso os fabricantes de papel

se sujeitam à nossa directa inspecção... O papel é transportado com as cautelas de um tesouro. E tanto na fábrica como aqui, os próprios desperdícios são contados, pesados, queimados. A estafética tem o dever de apurar o destino da menor quantidade que se desvie...

As guilhotinas de cortar o papel são construídas com uma meticulosidade de relojoaria. No corte da nota pode-se ocultar mil segredos maçônicos. As lâminas são variadíssimas. A casa Waterlow possui sessenta e oito — e cada uma corta o rectângulo ou o quadrado de bilhete de Banco num estilo diferente. Depois de guilhotinadas são observadas, lupadas pelos especialistas. A menor imperfeição ou desobediência à fórmula combinada basta para que o rectângulo de papel não siga para a impressão e seja confiado à direcção, que tem o dever de controlar o destino não só de todo o papel que recebe mas de todo o papel que fabrica para as suas encomendas — até à última tira ou fita ou desperdício...

Contados os rectângulos de papel — estes seguem para a impressão. Um laboratório adjunto combina as tintas, conseguindo obter, precisamente, a gradação constante da cor, do tom, da tonalidade. Um 0,0001 por cento menos claro no azul ou no verde preconcebido para certa orla ou moldura ou rubisco basta para que a nota seja agrupada às que serão depois picotadas e arquivadas na secção de controlo. Cinco químicos trabalham no laboratório. Dez máquinas de impressão ocupam as oficinas. Só uma delas funciona. Estaco à sua frente e não contengo um sorriso ante a indiferença automática com que ela cospe as notas que está imprimindo. São uns rectângulos semelhantes às nossas notas de vinte escudos. Encomenda dum governo balkânico. Cada uma vale cento e doze escudos da nossa moeda, aproximadamente. São 800.000 — ou sejam quasi 100.000 contos.

— Quanto tempo é necessário para completar uma encomenda? — pergunto.

— Conte... A's voltas ao papel levamos nós perto de mês e meio. Depois, como vê, apesar de serem muitos os olhos que vigiam a produção da máquina, ela tem de ser indispensavelmente lenta — para acudir à menor irregularidade das tintas, das chapas — ou da própria máquina... Em oito horas diárias de trabalho não se imprimem mais de 8.000 a 10.000... Faça a conta... São 800.000.

— Uns três meses... — totalizei numa prosápia de Inaudi.

— Isso sim... Ponha quatro meses — e não erra! Era preciso que todas se aproveitassem... E as que não contam, as que pela imprecisão dum detalhe, por um atrito do papel deixam de receber certo ponto de tinta? Perde-se muito tempo — muito...

Perdem-no, de facto... Mas ganham muito dinheiro. Uma inconfidência dalguem garante-me que antes do escândalo da Angola e Metropole, que afugentou parte da clientela, a casa Waterlow tinha um lucro anual de 300 a 500.000 libras — de 3 a 5.000 contos! Só! E a fabricar dinheiro. O dinheiro é uma industria que deixa muito... idem...

O DOMESTICADOR DAS NOTAS

Existe um senhor, na fábrica das notas, que é como que o tirano, o despota técnico de toda a sua produção. Tentei enlaçá-lo num questionário — mas o Czar dos bilhetes de Banco pôs-me em debandada com um olhar de tal desprezo que as próprias pestanas pareciam formar os látigos dum *kate of ninetails*... Apontaram-mo — com o respeito dum patriota japonês ao indicar o Mikado... É baixo, sem pescoço, feito em três esferas (o torax, uma; a cabeça, duas; o chapéu de côco que é nunca tira, nem nas oficinas, e que é duma redondeza ratona, três) e quatro cilindros curtíssimos: os braços e as pernas. E' o senhor de todos os segredos da casa — mesmo daqueles que os patrões ignoram, E' o sábio, o arquissábio, o mago, o domador, o Papa, o erudito, o poliglota de todas as notas do mundo. Especializou-se em notas. Só sabe de notas! Quando se cria um modelo novo — o desenho ou as chapas vão para as suas mãos; fecha-se com elas dia e noite. Não dorme; mas come e bebe — e bem — servido através um *guichet* do seu gabinete. Sai bufando, perlado de

suor, e restitui o desenho ou chapa — não sei bem. Trazem já a sua dedada, o vestígio inapreciável do seu talento e da sua sciencia. Essa dedada é o que éle viu e fixou; ou o que éle acrescentou e registou na memória. Não confia nas agendas, nos apontamentos, nem nos cofres. O grande cofre para tais segredos é a sua esférica cabeça. Depois pode vir o mais habil falsificador; pode vir a mais perfeita concorrente legal no fabrico de notas — que não conseguirá enganá-lo entre uma nota autentica e outra legal ou ilegal, mas impressa sem ter passado pelas suas mãos. Foi éle quem, dois anos depois, ensinou a Waterlow para este dizer aos directores do Banco de Portugal o segredo que podia diferenciar as notas da emissão oficial das de Marang. Era um «t», um téninho microscópico, perdido, invisível quasi, que na primeira estava inclinado num milésimo — e que na segunda se mantinha firme... Mas o talento, a sciencia, a erudição desse chefe técnico não se limita às notas que têm sido fabricadas na casa Waterlow. Conhece o segredo das notas em circulação em todos os países... E dizem que em todas as fábricas de notas existe um perito como este; que sem éle não se pode fabricar honestamente dinheiro. Daí o seu ordenado principesco: cem libras por semana.

OS POBRES QUE FAZEM DINHEIRO

... Aliás, todos os ordenados e jornais, na fábrica de dinheiro, são nababescos... Nesta casa de ferreiro — o espêto não é de pau. Os impressores recebem, em média, dez e quinze libras semanais. O mais modesto dos operários, que é um ajudante da guilhotina, — o auxillar dos carascos do papel — recebe oito shillings diários. E' justo! Fabricam dinheiro. Passam o dia a mecher em dinheiro! E não enchem os bolsos com as notas que caem ao solo, que esvoaçam dos montes, que se desequilibram das pirâmides, que são desprezadas por uma imperfeição quasi invisível, que andam aos pontapés pelo soalho. Logo, não admira que os patrões afundem as mãos naquêle oceano de notas e tirem um bom punhado para dividir pelo pessoal.

A INTOXICAÇÃO PELOS BILHETES DE BANCO

Notas por toda a parte. Dinheiro, muito dinheiro, pelos cantos, pelas prateleiras, pelo chão, pelo tecto... Há fontes de notas, catadupas de



Cheapside, para onde faz esquina a célebre fábrica de dinheiro

notas, «wagons» de notas, rios de notas... Nos primeiros quartos de hora sente-se como que uma salvação exagerada: é o espirito do pobretão a aguar ante aquêlê banquete luculiano de dinheiro. Mas depois, os olhos cansam-se, e esse cansaço alastra-se pela alma; e da alma passa ao estômago e provoca uma espécie de enjôo, o enjôo pelo dinheiro, por tanto dinheiro — o enjôo do confeiteiro farto de fazer bôlos, de cheirar bôlos, de mecher em bôlos. Que esta casa enche as narinas com um cheiro inêdito para mim, que não se assemelha ao de nenhuma tipografia, que não é exalado pelo arco-iris das tintas e que empapa o ar, que palra por toda a parte, que asfixia... E' o cheiro das notas sem conta — produto químico das muitas variedades de notas amassadas. E reparando melhor, toda esta gente exhibe no rosto, lavado de miséria, uma palidez baça, uma sombra mórbida no olhar: é a intoxicação do dinheiro. Estão envenenados pelo dinheiro...

O DINHEIRO QUE NÃO PRESTA

Existe um casarão, que parece a gavêta de ferro dum moel para gigantes, onde arquivam temporariamente as notas que não prestam... E' o caixote de lixo do dinheiro... Os pés quasi que se afundem no soalho atapatado de notas. Dir-se-ia que estiveram aqui todos os arquimillonários da America, jogando ao Carnaval, fuzilando-se entre si com notas — em vez de *confettis*.

Algumas são, de facto, notas aleijadas, notafêtos, notas-abortos, meio tintas, manchadas, riscadas, defeituosas... Mas em muitas, a grande maior, o seu aleijão, a sua imperfeição é tão subtil, tão resguardada que naturalmente só o «olharado X» do sábio esférico seria capaz de apontar. E dizerem que aquelas notas não prestam. Mas se não prestam — não as deem fora. Ou antes deem-mas a mim, a nós todos, que não nos importamos com a sua irregularidade subtil e microscopica... E pensar que com um punhado dessas notas, tu, eu, nós, vós... Éles, satisfariam não já as necessidades em lacuna — mas os caprichos mais frivolos... E pensar que cada uma dessas notas seria a salvação de muitos individuos, o pão e o leite de muitas crianças. E visionei que, sem o index que as fez recolher aquêla antecâmara do patíbulo — todas aquelas notas seguiriam o destino das outras, circulando, incendiando paixões, chicoteando ambiciosos, conhecendo milhares de carteiras, deixando em cada existência por onde passassem uma alegria, um prazer, uma ventura; e que assim, por um pingo de tinta a mais ou por um tom clareado a menos, regressariam ao berço, à patria, ao caixote do lixo de onde vieram, quando eram farrapos, trapo, imundície, vasculho... E quem sabe se entre os dois destinos — o das que triunfam e seguem a sua carreira gloriosa e o das que abortam e são levadas à vala comum da imundície, sem terem gozado aquêla *toilette* de tintas litográficas — ainda as mais imundas venham a ser as primeiras, as ricas, que vão dar grandes alegrias e provocar muitas lágrimas — tentações, desonras, roubos, crimes, vergonhas, sofrimentos sem fim...

HISTÓRIAS DE NOTAS

— Chegaram a reunir-se aqui encomendas de notas de oito e nove países — recorda alguém que nos atende. — Agora, nos últimos anos (discreto, esse alguém não evoca o escândalo) tem diminuído bastante essa clientela. De todos os países, o que mais freqüentemente faz emissões é, sem dúvida, a Suíça. E há-os exigentes. Uma vez, há oito anos, esteve aqui uma alta individualidade da Persia — a encomendar uma emissão. Que trabalho nos deu! Quis, teimou e conseguiu agrupar signos evocadores de todos os capitulos da história do seu país — dentro da nota. Cada nota continha mil e tantos sinais e figuras — fóra as essenciais: números, cifras, assinaturas... As belas são, sem dúvida, as que a nova Lithuania mandou executar... E as mais feias, horríveis mesmo, de todas (refiro-me sempre às impressas nesta casa) são as que o soberano de Afghanistan, no inicio do seu efêmero reinado, nos encarregou, durante a

OS REIS PITORESCOS DO MUNDO

(Continuação da pag. 7)

fazendo ali «la bombe» como qualquer mortal e, seja dito de passagem, conforme usam fazer muitos outros chefes e ex-chefes de variadíssimos Estados que nós conhecemos, os quais têm carradas de razão preferindo os mil prazeres da «Ville Lumière» aos mil aborrecimentos de seus inseguros e perigosos trônos.

E eis que o nosso Riza-Kan aparece chefe duma revolta a destronar o outro «shah», sentado no trôno que este deixara à força e favorecendo duma maneira muito interessante as combinações político-económicas das britânicas sanguessugas do petróleo. «Terrível peccato, ma che bella combinazioni!», como diria o cura italiano.

E já os cachos de glicínias e as sopeiras de Teheran não ousam fitar o glorioso Padishah Riza-Kan quando ele passa no seu maravilhoso «auto», construído especialmente para Sua Magestade, todo «capitoné» de custosíssimos estofos orientais, interiormente tódo cravejado a rubis, topázios, ametistas, safiras, esmeraldas, diamantes, etc. etc., voando pelas raras estradas da Persia quasi tão depressa como outrora o feliz possuidor do «tapete-mágico» voando sobre os telhados de Bagdad nas noites de luar dos felizes tempos do Kalifa Abrum Alrachid, quando ainda não havia poços de petróleo que hoje «são uma mina» para os senhores ingleses.

E como nos «Contos das Mil e Uma Noites», na vida do actual Padishah tudo é surpresa e maravilha.

M. G.

sua passagem por Londres. O desenho era dele. Fez-se-lhe a vontade...

«As mais extravagantes que conheci eram do govêrno abyssínio, emitidas em 1910: quadradas, do tamanho de um envelope vulgar... quadrado; um escudo indígena ao centro do qual irradiavam dez flechas, duas carabinas e... (não se ria) dependuradas pelas presilhas no cano de cada carabina — um par de botas de modelo antigo... Mas havia mais: havia, nos angulos, formando a moldura da cifra, um friso de figuras... quasi pornográficas, tão realista era a sua nudez. Valiam meia libra cada — e emitiram apenas 50.000. Mas dessas emissões pequenas bateu o «record» Montenegro, nas suas primeiras notas encomendadas em 1914, pouco antes de perder a nacionalidade.

O SEGREDO DAS NOTAS INGLESAS

— A nota inglesa é a mais simples e a mais complexa de todas — sobretudo a de *five pounds* para cima. Uma folha de papel branco; os dizeres e os algarismos indispensáveis a negro, e mais nada (na aparência). E contudo, até hoje, só um falsificador conseguiu aproximar-se de todos os seus segredos. Esse falsificador ainda vive. Nunca foi perseguido. Fabrica apenas todos os anos — está apurado — cinquenta notas de dez libras. E' modesto, inteligente, visto que decifrou um enigma que o Banco de Inglaterra julga, e com razão, inviolável; hábil na passagem e persistente. Começou em 1891 e desde então o *contrôle* do Banco regista anualmente cinquenta notas de dez libras a mais, todas com as mesmas características — de que só os peritos do Banco se apercebem. Parece inverosímil que o Banco de Inglaterra dê pela existência dessa ninharria. E tanto que ao divulgar-se o caso espalhou-se o boato que o falsificador produzia uma nota de mil libras. Não é verdade. E se o Banco reparou na falsificação e a vigia anualmente e pode controlá-la — é pela simples razão de que o falsificador consegue, por um espírito de basofia ou por outro motivo qualquer, lan-

HOMENS & FACTOS DO DIA

(Continuação da pag. 3)

O bêbedo exultou, numa alegria alvar, epiléptica, compôs um soneto maravilhoso à maternidade, deitou-se a dormir como um porco e, quando se ergueu ainda estonteado pela bebida, examinou de ôlho desvaivado a criança tenra e, assumindo ares graves, saiu, exclamando:

— Agora, vida nova!

E tornou à noite mais bêbedo do que dantes.

O filho não despertara no seu espírito senão mais alguns motivos de sentimental beleza para os seus versos e discursos de taberna. No entanto, através da sua permanente inconsciência, ele mostrava conhecer clara e nitidamente a sua imensa desgraça, uma desgraça que ele aperfeiçoava, retocava com requintes de artista genial. Em alguns sonetos ele dizia, convicto: «Eu, que modelo o meu sofrer como o escultor a pedra dura»; outras vezes: O poeta é o Deus criado da sua própria desolação!».

Pobre Menezes! Certa manhã (foi nas vésperas do Natal de 1923) entrou de roldão pela Brasileira, correu para mim desvaivado e caiu-me nos braços, chorando convulsamente. Liha-lhe morrido o filho. «Morreu de fome!» — gritava ele. — E fui eu que o matei!»

Comoveram-me aquelas lágrimas. Eu sabia que ele era e não um culpado. Não tinha força de vontade para se encaminhar. E isso não se me afigurava uma culpa — mas um defeito orgânico, uma fatalidade.

Contou-me nessa manhã a sua horrível tragédia. Não possuía um ceitil sequer para comprar um caixão ao filho. Dei-lhe os magros cobres que tinha comigo. Eram poucos. Ele ia ver se arranjava mais até completar a soma. Saímos ambos, mergulhando bem fundo as nossas palavras naquêlê drama.

— Vamos beber um copo! — exclamou ele ante uma toja de bebidas, discreta, a meio do Chiado. — O vinho é bom porque adormece os sofrimentos.

Desculpei-o nêsse dia. O desgosto era enorme e compreendia o seu desejo de atordoar-se.

Despediu-se depois. Tinha pressa de realizar a quantia para comprar o caixão ao filho e enterrá-lo. Pobre Menezes!...

A' noite, bastante tarde, passava eu na Boa Vista, a caminho de casa, quando uma voz me chamou, rouca e afiitiva. E logo a seguir, a silhueta caricata do Menezes desenhou-se à entrada de uma taberna.

— Tu, aqui? — perguntei-lhe, severo. E compreendi logo em seguida que ele não estava em estado de ouvir reprimendas. Contive-me e diz-pou-me a aturá-lo. Perguntei-lhe dôcemente: — Então, não fôste a casa?

Teve um sorriso estúpido, seguido de uma gargalhada estrondosa, obscena. Puxou-me por um braço, levou-me a um canto da taberna e apontou-me um pacote volumoso, pousado sobre uma banca enodoada.

— Está ali — disse, esgazeando o olhar. Acercou-se do balcão, bebeu um copo de vinho de um gole voraz. Desatou depois os fios que amarravam o embrulho. Era um caixãozinho branco de criança.

Murmurou umas palavras incompreensíveis, monossilabadas, na sua linguagem pegajosa de bêbedo, e, mão trêmula, corpo oscilante, arrotando como um carroceiro, levantou o tampo.

Horror! No fundo do caixão jazia uma figurinha de cêra, a boca roxa, contorcida, um vestido alvo, pobre, mal cobrindo o corpinho magro, o branco dos olhos espreitando irônica e macabramente o pai...

Menezes teve um arrôto mais forte e uma golfada de vinho foi macular o vestidinho modesto e salpicar de roxo a cêra daquêlê rosto inocente.

Foi na noite de 24 de Dezembro de 1923. Nunca mais me esqueceu.

MARIO DOMINGUES

FALSO MÉDICO

(Continuação da pag. 6)

Abandonará êle, de vez, a sua velha pecha de se armar em facultativo?

E' lhe posto o dilema: — ou deixa os doentes em paz, entregando-os aos cuidados de médicos a valer, que os sejam de verdade, ou seremos forçados a publicar-lhe o nome completo, com todas as letras, acompanhado com novos pormenores.

Depois disso terminará a nossa acção e a policia se encarregará, certamente, de deslindar o criminoso caso.

E provando-se que o L. F. R. é um inconsciente, — o que por enquanto não está provado — então..., os manicômios foram construídos para a hospitalização dos alienados que, pela sua loucura, por muito lúcida que pareça, possam causar mal à sociedade.

çã-las sempre dentro de uma sucursal do Banco. Estas estão todas de sobreaviso — mas mesmo assim êle surpreende-as de tal forma que até hoje não foi possível apanhá-lo. Não é que o Banco pense em processá-lo. Pelo contrario. Ambiciona apenas conhecê-lo e pedir-lhe que revele o seu segredo de falsificador... Podia, com a mesma facilidade, fazer cem, mil, muitos milhares de notas. Não senhor. Contenta-se com as 50 de dez libras. Quem quer que seja é modesto e pouco ambicioso »

O CÉLEBRE GABINETE E O IGNORADO SR. SOUSA DE LENCASTRE

Ao sair, passo frente a um gabinete. A porta está entreaberta. Foi ali que em 1924 Marang encomendou a Waterlow a emissão das notas de 500 escudos — dinamo de toda a inacreditável maquinaria do Banco Angola & Metrópole. Está tal como o descreveram... O mesmo tapete, os mesmos moveis império, o mesmo busto de bronze... Ah! Se aquelas paredes falassem — o que não nos contariam... Contariam pelo menos que existe um senhor chamado ou que diz chamar-se Sousa de Lencastre que visitava, naquêlê mesmo gabinete, o sr. Waterlow; que esteve possivelmente presente na célebre entrevista e que é a mais sensacional figura dêste folhetim...

Mas o sr. Sousa de Lencastre, a pesar-de magro, ocupa muito espaço... Merece — e terá — uma reportagem só para êle. Será no próximo número se Deus Nosso Senhor me der vida, saúde e tinta — ou se o Diabo, protector de todos os Sousas Lencastres, não me pregar partida... Ficam, pois sabendo: se eu não reaparecer — foi o Diabo que me escamoteou, a pedido do sr. Sousa de Lencastre...

Londres, Novembro de 1930.

REPORTER X

(Copyright by «Reporter X»)

(Reservados todos os direitos de reprodução, ou tradução)

CIGANOS

(Continuação da pag. 13)

E durante momentos, numa dominante super-excitação de espírito, assisti ao mais maravilhoso espectáculo que me tem sido dado disfrutar.

De todas aquelas mulheres nús, de ondulantes corpos de cobre esbatidos pela luz rubra da fogueira, em tons surpreendentes, evolava-se diabólica sedução que nos atrala e subjugava. A eurtimia dos movimentos dos bustos coleantes, flexíveis, cheios de ardência e calor, punham-nos na alma tempestades de frémitos.

E, no entanto, aqueles homens conservavam-se impassíveis, estupidamente insensíveis. Eu supunha-me transportado à Índia, terra sagrada das «bayaderas» de amor e de caprichos, condensando-se-me na vista todo um mundo de fantasias e deslumbramentos.

A esse torpor, verdadeiramente oriental, fui arrancado, de súbito, por uns dedos nervosos que se me crispavam com ansia num braço. Era o Linhares de Sousa que, agitado, dessa forma me chamava a atenção.

—Veja,— exclamou surdamente —arrastam para o meio do recinto uma rapariga amarrada... Iremos testemunhar algum suplício atroz em que aquela pobre rapariga seja a vítima a imolar?...

Olhei. No solo, junto do fogo, vivo, crepitante, estava agora, realmente, o vulto duma mulher, atirada para ali com brutalidade por dois repelentes ciganos, barbados, de sinistro aspecto.

Que queria aquilo dizer? Estaria a infeliz mulher condenada à fogueira—como nas épocas longínquas do Santo Ofício? Ou obedeceria antes a raça vagabunda e misteriosa a torturante religião cujos deuses exigissem o oferecimento de sangue humano?

Um só facto ressaltava evidente: a sua situação de prisioneira, sublinhada por todos aqueles preparativos, fortemente suspeitos, era desesperadamente, crítica.

—E' preciso arrancá-la àquela perigosa contingência — pronunciei, subtraindo-me à estupefacção que, por instantes, me havia parado o cérebro.

—Mas como?... Sômos apenas dois, e eles são uns doze, não contando as mulheres e as crianças...

—Não há outro meio se não o de ir um de nós a Outeiro do Abade chamar gente... Mas temos que operar com rapidez, se quisermos ser bem sucedidos.

—Vou eu! —prontificou-se logo Linhares de Sousa.— Dentro de três quartos de hora, o máximo, estarei de volta, com um bom número de camponeses...

Eu fiquei à espera, ansioso, pensando no crime que ali se queria praticar—acontecimento selvagem que a nós se impunha impedir por todos os meios.

Civilização, evolução dos tempos, perfectibilidade humana! — como tudo isso é fictício e enganador...

O ESPIRITO DE OBEDIÊNCIA AO CHEFE SUPREMO

Uma hora depois, que para mim teve a duração duma dolorosa eternidade, realizavamos um ataque em forma ao temível acampamento, surpreendendo os ciganos pelo imprevisto do assalto.

Uns vinte mocetões do lugarejo, armados uns de cajados rijos e nodosos, outros de espingardas caçadeiras, e todos comandados pelo regedor, impunham a sua vontade à ciganagem, apoderando-se da prisioneira e ordenando-lhes imediato abandono daqueles sítios.

De regresso a Outeiro do Abade, a rapariga foi-nos contando a sua desdita — os factos que

a iam levando à fogueira, da qual a nossa oportuna intervenção a salvara.

Era cigana, casada com um dos da tribo. E um dia, esquecendo-se da sua origem, deixou-se prender pelos olhos belos dum cristão, entregando-se-lhe nos braços, palpitante de amor, para apagar o vulcão de desejos que lhe referviam no acobreado peito. Os da tribo souberam da traição aos preceitos da raça esfingica e, reunidos em tribunal, condenaram-na sumariamente á morte, na fogueira, em presença de toda a tribo.

—Mas porque não tentou você fugir á vingança dos seus companheiros? —preguntei.

—Não podia! Os *calês* (nome porque se tratam entre si) são inflexíveis na sua justiça. Não perdôam a traição, e eu... sou uma traidora! Pratiquei um acto criminoso, amando um homem de raça diferente... E' justo que pague com a vida o crime que cometi...

—Bem! Isso já passou... A estas horas já os seus companheiros devem ter-se afastado... Pode estar sossegada.

Os olhos fulgurantes fuzilaram-lhe na escureidão da noite, retorquindo com altivez:

—Uma cigana nunca teme o perigo! Além disso conheço bem a persistência e o ódio da minha raça... Mais tarde ou mais cedo venho a morrer ás suas mãos implacáveis... O «Príncipe» manda que não se perdôe...

—Quem é o príncipe?

—E' o nosso chefe supremo, o que manda em toda a nossa raça e rege os nossos destinos. Nós nunca o vemos, mas sabemos obedecer-lhe.

Admirei a altiva resignação daquela predestinada a igominiosa vingança.

Pobre mulher amorosa e perturbante na sua graça selvagem, acreditando faticamente num destino implacável e trágico, que havia de lhe absorver a vida—que inflexivelmente lhe havia de dar a morte...

Chegámos ao lugar. A formosa rapariga, que disse chamar-se Zilda, foi generosamente oferecido abrigo em casa do Manuel Gomes, regedor da freguesia.

Eram duas e meia da madrugada quando eu me recolhi também ao meu confortável quarto, no solar do meu amigo Linhares de Sousa.

A PERSISTENTE VINGANÇA DA RAÇA

De manhãzinha, mal tinha pegado no primeiro sono, fui surpreendido pelo meu hospedeiro, que, entrando alvoroçadamente pelo quarto dentro, exclamou comovidissimo:

Sabe uma coisa?... Ilda, a linda cigana que se perdeu por amor, appareceu morta em casa do regedor... Apunhalada!

—A vingança dos ciganos!... E eles, os miseráveis?...

—Levantaram o acampamento... Desapareceram!...

Aquella noticia deixou-me uma grande dor na alma—porque o drama da infeliz cigana apaixonara-me intensamente.

No dia seguinte regressiei a Lisboa, fortemente impressionado com os acontecimentos de que fui involuntária testemunha.

E aqui, na capital, novamente me afoguei na vertigem estonteante do jornalismo, anotando no meu «dossier» o apontamento do triste caso. Talvez mais tarde o desenvolvesse convenientemente em novela—uma trágica novela baseada na realidade e que a minha imaginação, embora fantasiosa, nunca teria podido conceber...

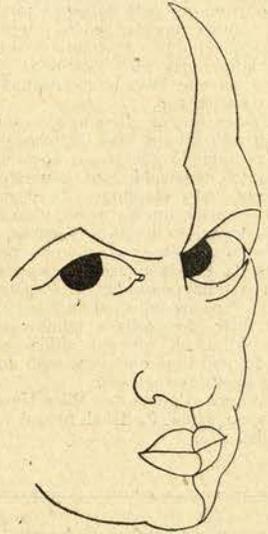
AMERICO FARIA

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

O caricaturista TOM

expõe no Salão Bobone uma linda série de desenhos

Não se trata de um grande e horrível crime—e bastantes se têm praticado naquêl género—mas de um autêntico acontecimento artístico. Tom, que é o conhecido pseudónimo de Tomás de Melo, caricaturista e desenhador que nêstes últimos tempos muito se tem notabilizado em Portugal, expôs no Salão Bobone uma curiosa série de caricaturas e desenhos. São relativamente poucos êstes trabalhos—poucos e bons.



Tom

Poderíamos alinhar aqui aquella conta certa de adjectivos feitos de encomenda para festejar esta espécie de acontecimentos, tais como *muito interessante, colorido aveludado, tintas suaves, recorte elegante, etc.* Nenhum dêstes palavões de bom gosto, porém, denharia a fisionomia exacta da exposição de Tom, que por ser demasiado original salta fóra de todos êstes lugares-comuns.

Tom, cujos progressos são quasi palpáveis, logrou alcançar aquella simplicidade que, por ser simples, se torna mais complicada e pouco acessível aos vulgares borradores de papel que andam por aí a representar a comédia do artista incompreendido. A par da simplicidade do traço, possui Tom um bom humor sadio, uma graça feita só de graça, sem intenção filosofica, simples como o seu *metier*, como a momice travessa de um bebé.

Comnosco implicou êle em duas caricaturas deliciosas de *humour* e de *charge*: O *Reporter Mario*, uma cabeça de boa linha, e *Domingues à fragateira*, que recorda certa reportagem em que nós, vestidos de ganga e boina à banda, andámos disfarçados por docas e bêcos auscultando a vida miserável dos *bas-fonds* de Lisboa. Além de outras caricaturas de pessoas, de boa *charge*, como a de Wenceslau Flores, Almada, Julio Dantas, Unamuno e Beatriz Costa, apresenta o talentoso ilustrador explitidos desenhos, quasi todos coloridos, de tipos característicos portugueses: *Peixeiro*, *A varina* e o *tareco*, *Campino*, *Varina* e outros que impõem a arte de Tom bastante pessoal, a-pesar-de uma leve influencia do grande Picasso, à qual muita gente boa não pôde, ou não soube furtar-se.

M. D.

Um auto de fé em dia de Natal

1755 foi um ano fatídico. Bandarra bem o afirmara nas suas profecias: «a era que tem dois cincos...»

A luta entre Franciscanos e Dominicanos, luta surda, de interesses e dissimulações, luta feita nos bastidores, como os maquinistas das grandes «feéries» fazem as maquinarias que não-de assombrar a multidão dos espectadores, essa luta de sombra contra sombra, de lóba contra lóba, subia de ponto, sublimava-se, lentamente sim, mas com uma persistência assombrosa.

Sebastião José, o *parvenu*, uma espécie de *novo-rico* da época, odiento porque era odiado, esperava a oportunidade, provocando-a talvez e ante-pensando no fenómeno que o guindasse definitivamente ao vértice do seu orgulho, à materialização do seu anseio.

«A era que tem dois cincos...»

O ano decorre incolor. Uma caçada, duas aventuras amorosas com cómicos do teatro do Bairro Alto (vizinhanças espurias de S. Roque), três adultérios sem importância de maior, algumas missas solénes e lascivas no perfume e no ritual e... chega o Dia de Todos os Santos.

Chega e amanhece quente, doentio, soturno.

E' o verão de S. Martinho, mas sem a fluidez dos lindos outonos lisboétas.

Está pesado... «Il fait très lourd», como dizia o ministro da França ao descrever o cataclismo.

Súbito escurece o céu e, ao bramir do trovão subterrâneo, Lisboa arfa, treme, contrai-se em espasmos histéricos e é o terramoto.

Mais de meia cidade arrazada; 30.000 pessoas sem abrigo.

Incêndios acabam a obra devastadora. A corte refugia-se em Belem e Sebastião José, incólume, começa a dar ordens. Sebastião José, o *illustre desconhecido*, viu enfim chegar o seu dia, respirou fundo e talvez preconcesse a futura lunêta que, mais tarde, o tornou terrível.

Para êle, o cataclismo foi um princípio e... um fim.

Sebastião José era discípulo de Pangloss, o optimista que ainda não tinha nascido, que nasceu no espirito de Voltaire nessa mesma época, e, quem sabe, talvez em consequência do mesmo facto!

PANGLOSS EM LISBOA

Candide e seu mestre Pangloss andam correndo em busca da bela Cunegundes e chegam a Lisboa ao tempo que a cidade fumava ainda o grande cachimbo do rescaldo.

Voltaire conta humoristicamente o caso:

«Depois do terramoto que tinha destruído os três quartos de Lisboa, os sábios do país não tinham encontrado meio mais eficaz de prevenir uma ruína total do que o de darem ao povo um belo auto de fé. Fôra decidido pela Universidade de Coimbra que o espectáculo de algumas pessoas queimadas a fogo lento, com grande cerimonia, é um segrêdo infalível para evitar que a terra tremas...»

E, com aquela *delicadeza diplomática* que o fez andar de Herodes para Pilatos, isto é, de França para a Prússia, de aí para a Baviera e para a Rússia, enforca o pobre Pangloss num auto de fé, notando que aquêle enforcamento era um caso excepcional... Felizmente não o mata mas também não o engorda.

Quem êle alimenta bem, quem êle quer engordar é o Candide, mas isto não nos interessa de momento...

UM BISCAÍNH O E DOIS PORTUGUESES

Entre os supliciados naquêle auto de fé, vestidos grotescamente de sambenitos pintados com demónios, chamus e outras coisas *horribeis à vista*, figuravam um biscaính o culpado de ter casado com uma sua comadre e dois portugueses que não tinham comido o *toicinho* que acompanhara o frango assado. Um, o biscaính o, foi queimado, reduzido a torrêsmos, e os dois portugueses apenas empalados... — pena bastante suave em vista da pequena culpabilidade dos réus.

Voltaire descreve com mão de mestre o auto de fé mas esquece-se de notar a data certa da cerimonia.

O DIA DE NATAL

Vinte e cinco de Dezembro de 1755. Manhã fria e luminosa.

O entulho removido em parte servia de bancada ao povo. Estrados armados à pressa e, em frente do Santo Officio, uma rotunda bem limpa, bem planificada, a meio da qual se erguia o cadafalso, em frente de um púlpito.

Ao nascer do sol davam-se as últimas marteladas nos escadotes e colocavam-se os derradeiros braçados de lenha no sopê dos mastros onde seriam queimados os criminosos.

A's oito horas da manhã ouve-se o tilintar da campainha e começa a sair a procissão — o cortejo fúnebre.

Fôrças de tropa, irmandades, os irmãos da Santa Casa e familiares do Santo Officio ladeiam a fila dos condenados.

Não foi um auto de fé brilhante pois que as Magestades não assistiram e a corte, ainda trêmula de medo pelo terramoto e de raiva receosa pela obra que Sebastião José começava a esboçar, se abstera de engalanar os balcões e as janelas do Rossio. De resto, o *Rossio* não existia... Aquilo que fôra a linda praça arcada a nascente e sul, na abertura da Rua dos Mercadores, e que pelo poente olhava a prumo para o velho convento do Santo Condestavel, tinha o grande cataclismo convertido num montão de pedras, calça e cinza.

O povo reza em voz alta ao compasso dolente do canto-chão entoado pelos irmãos da Santa Casa.

O sermão é breve. O padre economiza o gesto furibundo e o verbo esmagador.

E' que aquêle auto de fé — o último daquêle ano e o último que se fez em dia de Natal em Lisboa, fôra *tolerado* apenas pelo Ministro.

Sebastião José de Carvalho e Melo, tolerando êste acto de poder do Santo Officio, dava o primeiro golpe na Companhia de Jesus.

Entretanto, e para ver se as suas indicações seriam bem interpretadas, foi assistir *berino*

Aquêle negro vulto que subiu a um montão de pedras e olhava o fumo que sufocava o último supliciado em estátua era Sebastião José.

Êsse auto de fé do dia de Natal de 1755 foi o fim do poderio ilimitado do Santo Officio e o princípio da grande obra do renascimento português.

O NATAL DO PRESIDÁRIO

A confissão de um condenado por crime de filicídio que muda o aspecto da sua culpa

ESTE artigo começa numa vespera de Natal de há cinco anos. Um telefonema vem avisar-me de que o preso número 18, aquêlê homem acusado de assassinar a filha, que eu entrevistara quatro dias antes na Cadeia da Relação do Porto, pedira para que me chamassem, que pretendia falar comigo... Quando percebi que, do lado de lá, evidentemente da secretaria do grande presídio, fechavam a comunicação, dando fim ao telefonema, fiquei por algum tempo com o auscultador na mão, olhando-o desconfiado, intrigado até com aquêlê pedido que me faziam em nome do singular filicida. Precisava falar-me... Mas êle não me havia falado já, revelando-me tôda a novela aterradora do seu crime, sem evitar os antecedentes que o geraram, sem esquecer os pormenores mais insignificantes do momento em que tinha vencido mortalmente sua filha!? Sim. Tudo me tinha confessado e tudo, pela minha parte, eu tinha então contado num largo artigo. Contudo, havia um pormenor que êle ocultava com as mais desencontradas versões. Uma vez dizia que fora encontrar a filha já morta, claro, envenenada, e logo a seguir a enterrara para se livrar de responsabilidades... Outras vezes sustentava que a envenenara para evitar que fôsse êle o envenenado. Mas, perante os juizes que o condenaram, assim como na minha frente, não quis nunca dar claridade à acção e à origem do veneno do seu crime. Porque motivo se fechava assim, tão misteriosamente, não falando claramente, envolvendo-se num sudário de mentiras? Esta mesma pergunta fiz a mim próprio logo que me comunicaram o pedido do singular presidiário. E, para o saber, atirei-me para dentro de um *taxi* e mandei correr para a Cadeia da Relação do Porto.

Ao cimo das escadas dêsse aterrorador edificio, esperava-me o director, que me comunicou o seguinte: «O homem pediu-me licença para que v. lhe falasse particularmente. Êle está à sua espera.»

Primeiro que tudo, deixem-me mostrar-lhes êsse homem, êsse criminoso. Muito baixo, atarracado, de aspecto idiota, dava a impressão de um demente. Não era rico nem pobre, pois estava a meio dessa ponte de abastança onde costumam ficar os remediados. Porque havia assassinado a filha? Diante do Tribunal afirmara que ela, para se apoderar da fortuna que mais cedo ou mais tarde lhe havia de pertencer, pois o pai era viúvo, procurara envenená-lo... E citava vezes, vezes sem fim e sem conta,

em que deixara de comer porque receiava haver chegado o seu último momento, o seu último minuto... Vingou-se. Como, de que modo, de que maneira o havia feito? Era o seu segredo. Dizia unicamente que logo que a vira morta, fria, já cadáver, a transportara para a horta e ali a deixara, numa grande cova, que depois cobrira de terra e ra-



E obrigou-a a beber o liquido

mos de arvores, para que ninguém descobrisse o seu crime...

— Desculpe-me tê-lo mandado chamar, mas tenho um segredo a revelar-lhe... — disse-me o presidiário logo que me viu entrar no gabinete do director, onde me esperava. Respondi-lhe que podia dispor do meu tempo. A seguir, êle pediu-me para me sentar a seu lado, e começou a falar, numa voz de quem sofre e de quem chora. Não lhe vira bem o rosto, que estava contra a luz. A sua figura, ferreteada pela farda de cotim, parecia-me mais pequena, mais apagada. A certa altura, disse-me: «O sr. recorda-se do motivo que lhe apresentei como origem do meu crime e que apareceu no artigo que sobre mim escreveu? Enganei-o... Chamei-o precisamente para ser sincero consigo. Sim, eu envenenei minha filha e enterrei-a na horta, onde esteve até à maldita hora em que foi descoberta... Mas não é isso que eu quero negar, que eu quero desmentir. Aos juizes que me condenaram disse eu que matei minha filha para evitar que ela me envenenasse a mim. Riram-se, e dêsse riso de dúvida deixaram cair os trinta e um anos a que eu estou condenado. Isso, que me im-

porta!... Mas porque duvidaram de mim? Os criminosos não saberão falar verdade? Sim, nêsse momento em que a fouce do infortunio caiu sobre a minha existência, sobre a minha liberdade, eu fui sincero, muito embora não explicasse bem a minha verdade... E a minha verdade vai o sr. ouvi-la, e a minha verdade é esta: Na noite do crime, cheguei a casa a horas já adiantadas, pedi de comer. Não sei já o que minha filha me veio servir. Não. Mas recorde, recorde como se fôsse nêste instante, que o vinho que ela me veio dar numa grande caneca tinha um travo especial, muito amargo. Nêsse momento, senti-me batido por um estremecimento de terrôr, ergui-me de um salto e acusei-a de me querer assassinar. Ela berrou, negou. Um fundo presentimento dizia-me, porém, que não me enganava eu... E, levado por um pavôr furioso, atirei-me sobre ela, amarrei-a de pés e mãos, deitei-lhe pela boca abaixo o vinho que ela queria dar-me... e o resto já o sr. o sabe, já o sabe tôda a gente!»

De olhos muito abertos, assim como alguém que acaba de escutar o impossível, fiquei eu, por alguns segundos, a olhar o presidiário. Quando me despedia dêle, segredou-me: «Peço-lhe que não fale a ninguém do que lhe acabo de dizer, enquanto eu viva. Jura-mo? Obrigado. Fique certo de que será o sr. o único que conhecerá verdadeiramente o meu crime...» — E porque quis que fôsse eu o detentor dêsse segredo? — perguntei-lhe. Deitou os olhos ao chão, que deviam ter lágrimas, certamente, nêsse momento, e disse-me: «O motivo talvez seja romântico demais para o sr., mas é sómente porque, sendo hoje dia de Natal, eu tinha, acredite, a necessidade de ser sincero...»

Esta página da minha vida de jornalista esteve fechada numa gavêta até há um ano, quando me informaram da morte do presidiário, e só então procurei os apontamentos dêste artigo para lhes adicionar o ponto final dessa vida. Desligado, pela morte do criminoso, do juramento de sigilo que havia tomado com êle, não pensei nunca, contudo, em trazer o seu segredo para a varanda das páginas dêste jornal. Mas, percorrendo há dias a Penitenciária para preparar uma reportagem, apresentaram-me um penitenciário, igual ao protagonista desta crónica, o mesmo crime, e, nem eu sei bem porquê, pensei que também êste envenenasse para não ser envenenado...

GUEDES DE AMORIM

A RODA QUE ANDA E DESANDA

—6369!!!—gritou, prolongando os sons, para que todos ouvissem bem, o fiscal da extração. E logo um borbório inquietante agitou a multidão, concentrada ali, aguardando um milagre, um bamburrio, um golpe da sorte. Muitos pescoços estendiam-se. Levantavam-se cabeças no ar. Esgazeavam-se olhos cheios de curiosidade. Para trás, nas últimas filas, houvera novidade...

... Um homem desmaiara, tombara desamparado no chão. Levaram-no em charola à enfermaria e, à custa de energícos reagentes, recobrou os sentidos. A comoção ia-o matando. Tinha o número da grande...

Houve comentários, galhofa—e os números continuaram saindo, matando muita ilusão, desfazendo muitos castelos no ar.

Esta scena passou-se na Misericórdia, há cerca de vinte anos, naquela dependência onde a sorte, todas as semanas, se diverte a desfolhar as esperanças de quem joga.

O homenzinho portador do 6369 era um provinciano casualmente em Lisboa. Parece que ainda vive, rico e feliz, numa terra pequena do distrito de Santarém.

Nas lotarias de grandes prémios davam-se, habi-

fitando os algarismos que o cauteleiro desprevidamente ostentava—esperava o bamburrio de uma coincidência. Num salto adquiria a cautela, vigésimo ou décimo, e engolfava-se, radiante, na multidão que esperava... Anticamente estes casos eram frequentes. Os cauteleiros foram perdendo a ingenuidade e a comunicação dos números pre-



Pelo auto-falante anuncia-se a boa e a má sorte

miados passou a fazer-se de maneira a impedir o êxito destes expedientes.

As lotarias têm sido a felicidade para muita gente. Mas poucas vezes os espectáculos emocionantes da alegria, expressa em expansões de ridícula exibição ou de comovente simplicidade, a estes esperados bafejos da sorte, chegam até ao domínio público.

Uma vez aguardava a extração, encostado tranquilamente à parede, um aristocrata algarvio, muito conhecido em Lisboa há cerca de vinte anos. A sua vida dissoluta tornara-o popular. A fantástica dissipação em que consumira o seu património rodeara-o de admirações, de amizades e de ódios. Estava, então, reduzido à última penúria. Com uns cobres arrançados entre amigos, comprou um bilhete. O prémio era, nesse tempo, de 150 contos.

Andou a roda—e saiu o 4224, o número que o titular tinha comprado. Ouvindo-o, endireitou-se, tirou o bilhete da algibeira, fixou-o a valer para afastar dúvidas, depois arrecadou-o bem, compôs

a farpela roída pelo uso, deu um geito mais nobre ao chapéu e, emproando-se em toda a sua dignidade antiga, transpôs a saída, exclamando convicto:

—Era certo!... Deus Tódo-Poderoso, Deus de Misericórdia!... E deitou a correr pela rua fóra, gritando e cantando, num acesso de loucura.

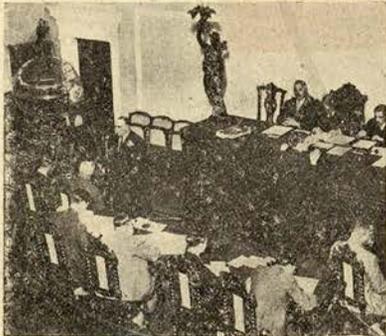
Outros recebem com inalterável serenidade o número da sorte. João Gomes, o *Areias*, quando era ainda rapaz, comprou um vigésimo. Estava presente à extração quando o pregoeiro anunciou:

—5462—o prémio maior.

—Quineí!—gritou o *Areias*. E pronto. Foi receber os doze contos que lhe cabiam na divisão do bilhete.

Os prémios, agora, são muito maiores e maior o número de interessados que esperam da sorte a libertação das suas dificuldades. Na lotaria deste Natal o prémio mais alto é de seis milhões de escudos. Tomou-se o jôgo todo. Para tranquilizar a ansiedade dos jogadores, a Misericórdia transmitirá por alto-falantes, no Largo Trindade Coelho, no Rossio e no Porto, os números premiados.

Um dia destes, à hora da extração, quando



Uma mesa formada por graves cavalheiro preside ao rito satânico da extração



Na sala, o povo aguarda ansioso o ditame da Deusa implacável—a Sorte

tualmente, incidentes curiosos. Muitas vezes agrupavam-se, nas imediações da Misericórdia, perto dos cauteleiros que apregoavam as últimas fracções, indivíduos de ouvido apurado, aguardando a possibilidade de um golpe... A extração, lá dentro, ia-se fazendo. O pregoeiro gritava os números que a roda ia lançando, e o espertalhão cá fora—orelha arrebitada, escutando o pregão, ôlho áletra

saíamos da Provedoria onde a necessidade de uma informação nos levava, cruzámo-nos, à porta, com um sujeito de boa aparência, torcendo desesperadamente um vigésimo entre os dedos. Fitámo-lo, com pena da sua desilusão, expressa nos olhos. Fitou-nos e falou para si, com desespéro:—Branco!... A sorte grande sai sempre aos outros...

GIDE BEY

Deus dá a sorte

a quem se **AGENCIA DE PUBLICAÇÕES**
 habilita na **Praça da Liberdade, 129—PORTO**
 Pedidos a **MANUEL DA SILVA BRAGA**

COMO SE TIRAM

CAUSA-NOS quasi sempre uma impressão de repulsa descobrimos no corpo de uma pessoa a marca indelevel de uma tatuagem. Pode a pessoa tatuada refinar as mais belas qualidades de carácter, ser de uma simpatia irresistível, que essa má impressão não deixa de nos produzir um arrepio, como se tivéssemos na nossa presença o pior dos facinoras.

A tatuagem ligamos sempre a ideia de crime. E involuntariamente, ante um corpo tatuado—às vezes um corpo de mulher, gentil, rosado, de contornos harmoniosos—não deixamos de pensar, he visionar através dessa carne manchada por um ferrete azul ou vermelho, lugares sombrios, tenebrosos, onde vultos sinistros segredam torpezas e combinam horridos assassínios.

Sabemos que os forçados de Cayenna e os deportados da Siberia, que um crime nefando arremprou para esses locais de expiação, se marcam uns aos outros, como se quisessem perpetuar na epiderme, depois de expiada a pena e de regressarem à vida honrada, a evocação do seu crime.

Os selvagens também se tatuam; mas nos seus corpos essas tatuagens, sempre expostas francamente aos olhos de toda a gente, não assumem o aspecto terrificante da tatuagem que se oculta, que se esconde como um delito, sob vestes civilizadas. Nos selvagens a tatuagem exprime requintes de arte e de beleza como nos civilizados os vestidos caros e os fatos elegantes.

Quem inventou a tatuagem? Não se sabe. A sua origem remonta aos mais antigos povos. E' para alguns uma tradição respeitável, um rito religioso imutável a que obedecem gerações e gerações. Entre civilizados, as classes rudes, de mentalidade mais baixa, adoram-na, cultivam-na com amor.

Há tatuagens de todos os feitios. Algumas apresentam aspectos bizarros, outras obscenos, outras ainda, caprichosos, tão bem contornados como quadros de preço pintados por artistas famosos.

Entre nós, é a gente do mar que mais usa a tatuagem. E' tradicional entre ela. Certas figuras são mais da sua predilecção. Anfigamente, quando na nossa Armada se applicavam ainda castigos corporais e os marinheiros delinquentes eram condenados a ser açoutados, para se escaparem ao cruel castigo, costumavam eles



desenhar no dorso um grande crucifixo—porque ninguém agredia a imagem de Cristo. Com a desapareição desses castigos fóram desaparecendo também esses desenhos, que se substituíram por outros mais profanos, como dragões, cobras, águias, ancoras, peixes, rostos de mulher, corpos femininos completamente nus, etc..

Ainda há pouco tempo, na America do Norte, o país dos caprichos e das extravagâncias, algumas mulheres de boa sociedade tentaram lançar a moda da tatuagem. Não teve, porém, repercussão esse capricho feminino. Por muito linda que seja a tatuagem no corpo lindo de uma mulher, a beleza natural amesquinha-se, perde em intensidade, em simplicidade. Nada há de mais belo do que um corpo humano sem outros adornos senão os naturais. Por isso muito daquêles que num dia de irreflexão se tatuaram, mais tarde, quando o bom senso lhes ilumina o espirito, tentam em vão, sujeitando-se ás mais torturantes experiências, arrancar essas marcas inapagáveis que fazem sempre suspeitar no corpo de quem as possui um passado hediondo de crime.

As vezes aparecem nos hospitais uns individuos que ali vão receber curativo de terríveis chagas que alastram sobre os braços, o ombro, e até, com bastante frequência, no peito.

O enfermeiro interroga o doente e este explica o motivo do aparecimento da ferida de tão mau aspecto: Trata-se de um desastre com vitriolo. Aparece também nestas narrativas a desastrosa applicação de nitrato de prata ou a influência malévola de curandeiros, etc. O doente, um dia, deixa de aparecer e a verdade é que a verdade não era o que ele dizia.

Não houve desastre nem curativos errados. A verdade é simplesmente esta: O desgraçado sujeitou-se ao horror de fazer em si próprio uma ferida de perigosas consequências, impellido pelo honesto propósito de reabilitação física e social. Assim mesmo: Debaixo de uma chaga capaz de provocar uma amputação e até a morte, estão escondidos os vestígios que podem ser a prova de que o seu possuidor alguma vez fez parte da população das penitenciárias e de outros lugares que são moradias de criminosos. Esse timbre de profissão infamante é a... tatuagem.

Claro está, nem toda a gente que uma vez se deixou tatuar tem nessa marca a

prova irrecusavel de que tivesse praticado um delito grave ou freqüentado prisões e lugares de crime. A tatuagem foi moda, vicio, e a ela não fugiram alguns testas coroadas. Há muito boa gente que se deixou seduzir pela tatuagem decorativa, onde, em boa verdade, se encontram lindissimos desenhos.

Entre a honrada gente do mar a tatuagem é vulgaríssima.

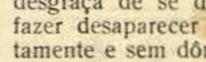
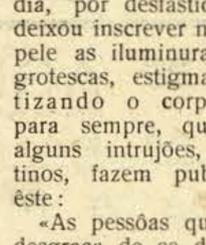
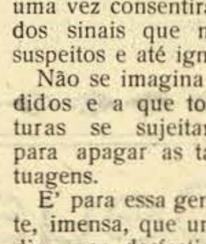
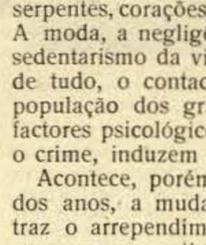
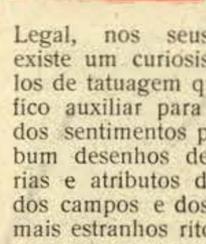
No nosso Instituto de Medicina Legal, nos seus preciosos arquivos, existe um curiosissimo album de modelos de tatuagem que constitui um magnifico auxiliar para o estudo iconográfico dos sentimentos populares. Há nesse album desenhos de aves exóticas, alegorias e atributos dos santos de tradição dos campos e dos mares, emblemas dos mais estranhos ritos, nomes de mulheres, serpentes, corações, ancoras, punhais, etc.. A moda, a negligência sobre o futuro, o sedentarismo da vida militar, as tradições de tudo, o contacto com a misteriosa população dos grandes portos, e outros factores psicológicos, que nada têm com o crime, induzem à prática da tatuagem.

Acontece, porém, que, com o decorrer dos anos, a mudança de posição social traz o arrependimento para aquêles que uma vez consentiram a inscrição na pele dos sinais que muita gente considera suspeitos e até ignominiosos.

Não se imagina o número de arrependidos e a que torturas se sujeitam para apagar as tatuagens.

E' para essa gente, imensa, que um dia, por desfastio, deixou inscrever na pele as iluminuras grotescas, estigmatizando o corpo para sempre, que alguns intrujões, curandeiros clandestinos, fazem publicar anúncios como este:

«As pessoas que um dia tiveram a desgraça de se deixar tatuar e desejam fazer desaparecer esses sinais, completamente e sem dor, podem dirigir-se com



AS TATUAGENS

de origem misteriosa - A tortura dos tatuados que se elevam a uma posição social superior - A moda das tatuagens - A triste história de um tatuado

toda a segurança a P. V. M. Posta Restante. Guarda-se sigilo.»

Apesar de tudo, o anúncio é uma homenagem á moral, pois por ele se prova quão grande é o número de pessoas que ambicionam para um pedaço da sua pele a reabilitação. Por outro lado, a promessa é tentadora.

A operação mais corrente para apagar a tatuagem é muito dolorosa. Tecnicamente, esses pontos azulados ou negros são indelevels, ficam para sempre.

As tatuagens ficam marcadas para sempre, porque não é possível extrair a coloração sem atacar a substância da derme.

A destruição, mesmo muito limitada e superficial, da derme cutânea deixaria sempre uma cicatriz reveladora. E' como se fosse aposta uma mascara sobre a tatuagem, e a mascara é sempre muito mais suspeita, mais equívoca, inutilizando todos os esforços e os bons desejos do tatuado.

Compreende-se agora, melhor, o engodo do tentador anúncio.

Conheci uma das vítimas, um pobre homem, que fóra marinheiro, depois remador no Tejo, e mais tarde entrara para um dos estabelecimentos do Ministério da Marinha, e que me contou a triste odisseia da sua tatuagem.

Deixara-se tatuar, num porto da America do Sul. Sem saber bem o que fazia, consentiu que o marcassem com os mesmos sinais de um seu companheiro de bordo. Esses sinais eram uma mistura de emblemas da maçonaria brasileira, tendo á volta: em cima, uma caveira, dos lados, punhais, e em baixo, a palavra «Averno».

Rapaziada, inconsciencia.

Correm os anos, e já homem feito, agora funcionário respeitadissimo, enamora-se e contracta casamento com uma senhora de rigidos preconceitos, de

educação religiosa e capaz de sacrificar tudo ás exigencias de uma moral austera.

Adivinha-se facilmente o drama. O actual funcionario marcara na vida uma posição social e uma notavel evolução de caracter impressa nos seus hábitos, absolutamente incompatível com a vida de um homem que tivesse uma tatuagem. E então que sinais. A maçonaria, o refugio do Diabo...

E começa o calvário. Principiou por querer extrair a tatuagem com o processo indicado por um curandeiro que, naturalmente..., oferecia todas as garantias. A operação era em extremo dolorosa. Com a ponta da agulha, pretendia o operador tirar um a um os grãos coloridos, introduzidos na pele. Depois de muita dor, canseiras, e dinheiro, até obter a cicatrização, quando esta se fez, voltaram a aparecer os malditos sinais.

Um outro curandeiro impõe a seguinte receita: tornar a fazer a operação da tatuagem sobre os mesmos pontos coloridos, com leite de mulher. Imagine-se o trabalho deste pobre homem.

Não ficou desenganado. Outras vitimas deram-lhe muitos conselhos, várias receitas, indicaram novos operadores. O mais famoso morava para a rua Renato Baptista.

Um desses intrujões prometeu, pagando, claro está, apagar os vestígios dos grãos azuis, introduzindo na pele substâncias irritantes como o oleo fenicado e a papaina.

Finalmente raiou uma luz de esperança. Um hungaro quisera tirar a tatuagem pontilhando os grãos azuis com pó branco de esmalte. Também falhou.

Desesperado, empregou a receita de alguns forçados de Cayenna e da Siberia, —o vitriolo—fazendo em seguida abundantes applicações de água fria. O resultado foi encobrir a tatuagem com chagas que lhe têm custado rios de dinheiro a curar.

E' um dos grandes supliciados da tatuagem.

A última vez que o encontrei, estava animado quanto á desapareição da tatuagem. Conhecia, finalmente, um método seguro.

A tatuagem é pintada com uma solução de tanino. Em seguida, picaduras muito unidas. Por último faz-se passar o lápis vulgar, de nitrato de prata. Dá-se uma dissecação. Polvilha-se de ta-

nino. A parte pintalgada deixa cair uma crosta, sob a qual a pele renasce.

Mas o pobre homem terminou assim: —Mas quanto tempo terei eu de esperar que as chagas desapareçam, para tentar a desapareição da maldita tatuagem?

«E no fim dará resultado?»
Quantas histórias dolorosas como a deste homem atingido no coração por uma tatuagem que ele, em um momento de irreflexão, julgou que não passaria da epiderme! Quantos dramas ignorados não se desenrolarão, na intimidade de certos lares e no âmago de algumas consciências, originados pela fascinação momentânea que a tatuagem exerce sobre certos espiritos fracos!

O amor também leva os homens á loucura da tatuagem. De um cavalleiro muito conhecido na boa sociedade sabemos nós que se deixou tatuar por amor. As pessoas mais intimas, que sabem que tem no corpo essa marca indelevel, confessam que esse seu capricho obedeceu a uma loucura de que hoje está arrependido.

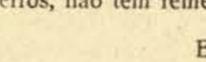
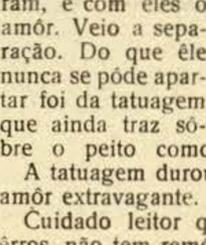
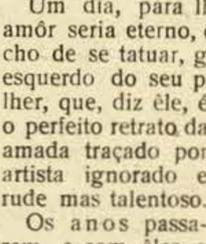
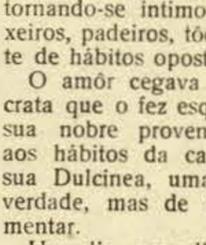
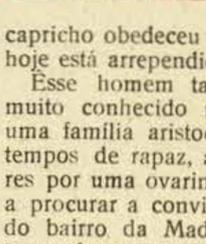
Esse homem tatuado é um dandy, muito conhecido no Chiado, filho de uma familia aristocrática, que, nos seus tempos de rapaz, andou doído de amores por uma ovarina. Esse amor levou-o a procurar a convivência dos habitantes do bairro da Madragoa onde ela vivia, tomando-se intimo de marinheiros, peixeiros, padeiros, toda uma classe de gente de hábitos opostos aos seus.

O amor cegava a tal ponto o aristocrata que o fez esquecer durante anos a sua nobre proveniência, adaptando-se aos hábitos da casta a que pertencia a sua Dulceina, uma rapariga linda, na verdade, mas de uma educação rudimentar.

Um dia, para lhe provar que o seu amor seria eterno, o dandy teve o capricho de se tatuar, gravando sobre o lado esquerdo do seu peito um rosto de mulher, que, diz ele, é o perfeito retrato da amada traçado por artista ignorado e rude mas talentoso.

Os anos passaram, e com eles o amor. Veio a separação. Do que ele nunca se pôde apartar foi da tatuagem que ainda traz sobre o peito como um sinal fatídico. A tatuagem durou mais do que aquêl amor extravagante.

Cuidado leitor que ela, como certos erros, não tem remédio.

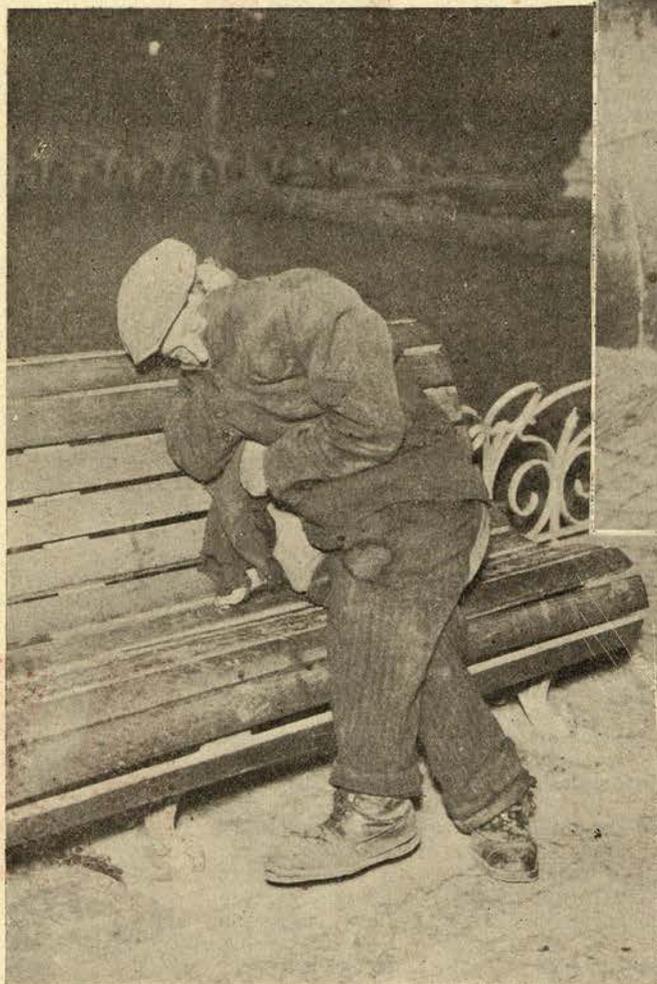


EDUARDO FRIAS

OS QUE DORMEM AO RELENTO

Tu, leitor, que a esta hora tardia da manhã talvez nos estejas lendo com sorriso negligente e o corpo estendido na cama fôfa, embora possuas um coração sensível e uma alma sentimental, não pensaste decerto no horror, na tortura ingente, no sofrimento atroz de dormir uma noite ao relento.

Tu, leitora gentil, boneca de salão, lindos olhos de louça, mal ensombrados por sobranceiras delgadas, estilizadas e modernas, mãos diáfnas de unhas polidas, bem recostado o busto nos almofadões de fôfas penas, ao folheares êste número do *Reporter X*, estranhas que entre tantos artigos interessantes surja de súbito na tua frente esta página de confrangedora miséria. Sabes, porque o calendário to diz, que se aproxima o Natal; anda hoje a roda na Santa Casa e tu sonhastes tôda a noite que a sorte mais uma vez te bafejara lançando-te no regaço o prémio grande que te permitirá satisfazer alguns caprichos que a fortuna de teu marido é impotente para satisfazer;



de pensar que por esta época agreste há quem, por não ter casa, durma ao relento.

A visão de miséria que êstes dois flagrantes fotogrâficos criam na vossa mente, bom leitor e bôa leitora, não terá o condão de vos comover?

Aquela mulher aperta contra o peito um filho de meses. E tu tens filhos, leitor? Tens, e amimados, dormindo em leitos pulcros, suaves. Nunca conheceram até hoje uma só necessidade. Adivinhas-lhes as vontades, os caprichos infantis. Pois essa mãe que tu aí vês, nem leite tem para alimentar a criança que traz nos braços—e a criança cêdo de mais começa a habituar-se à miséria.

Frio Dezembro. O nevoeiro envolve a cidade em sombra. Tôdos recolhem aos lares tranqüilos, onde o fogo crepita e o caldo quente fumea. Alguns, porém, deambulam a desoras por praças e ruas desertas. Por fim, fatigados, sentam-se em um banco de jardim. Na noite brilham as janelas iluminadas de uma casa feliz em festa. Ouvem-se gargalhadas alegres, tinir de talheres, música e descantes—e, embalado por êste sonho inacessível de ventura, o desgraçado adormece vencido, ao relento frio que enregela.

sabes que, enquanto o frio lá fôra enregela, no teu lar morno grandes festas se preparam, e não tiveste tempo

UM TRIUNFO PORTUGUÊS EM NICE

EMBORA o Reporter X não cultive o género jornalístico de secções, e muito menos o de secção feminina, não pode esquivar-se a acolher um caso que, sendo próprio de secção feminina, é também jornalístico, do género a que no «argot» da imprensa se chama «caixa» informativa.

Ora, sendo o Reporter X um semanário de grandes reportagens, e tendo oportunidade de marcar com uma informação inédita e sensacional, abre esta excepção por se tratar de um caso passado com uma conhecida casa portuguesa.

Este ano, em Nice, a elegante e cosmopolita estação de Inverno da Côte de Azur, Madame Serville, esposa do grande industrial e Director do Banco France-Asie, conheceu repetidas vezes a glória, a glória para o seu orgulho de mulher elegante, de ser copiada por todas

as damas da célebre praia nos modelos que apresentava. Quando as ciumentas do seu brilhantismo evocavam a facilidade com que as suas amigas atingiam a mesma elegância, somente com o dirigirem-se aos mesmos modistos — Madame Serville sorria-se, insinuando que, quando quisesse, deixaria de ser macaqueada. E um belo dia, nos fins do mês passado, exibiu uma *toilette* de inverno que ofuscou todos os êxitos anteriores, caminhando na praia, no hall do casino, por toda Nice, marginada pelos olhares cúbiosos e atentos das suas rivais da moda. E logo, no dia seguinte, as sucursais das grandes casas de Paris — Patou, Eliane, Marie Guy, Lewis e tantas outras eram invadidas pelas invejosas que exigiam rapidamente uma *toilette* igual àquela que fora tão admirada na esposa do banqueiro. E os pobres

modistos, «azes» das sedas e das apoteoses de Paris, entonteciam ante a impossibilidade de satisfazer as suas gentis clientes. Aquêl precioso modelo é totalmente ignorado. Uma íntima de Madame Serville aproveitou a sua amizade para decifrar o enigma. Onde e como adquirira ela aquela *toilette*? Madame Serville, sorriu-se e generosamente confessou: «Há poucos meses, acompanhando meu marido a uma viagem de negócios a Portugal, visitei Lisboa. Um dia, passando pela Rua Augusta, vi na mostra da Casa Africana alguns modelos que não encontrara ainda semelhantes em Paris. Comprei-os. E' que nós, as parisienses, ignoramos que existem modistos estrangeiros que ultrapassam os nossos. A Casa Africana seria uma glória em Paris. Entretanto, é uma glória para mim porque a descobri.»

BAPTISTA & C. A

R. da Trindade, 53-PORTO ☎ Telefone 4041

Tôdo o serviço
de pechelaría,
ALTA
pechelaría e
= eléctrica

CHAUFFAGE CENTRAL

Orçamen-
tos grátis

Competência Honestidade

Junghans "J. Estrela"

Relógios "Carrilhão" e em todas as sonerías
Representantes exclusivos:

COTRINS E AFFONSO, LTD.

R. da Prata, n.º 173, 1.º

LISBOA — TELEFONE 27.281



Representantes no Porto:

RIBEIRO & SILVÃ, LTD.

Rua 31 de Janeiro, 221 — Telefone 1937

COMPRAI SÓ



o melhor entre os melhores

284—R. MOUSINHO DA SILVEIRA—286

PORTO

"GARANTIA"

COMPANHIA DE SEGUROS

(FUNDADA EM 1893)

Capital integralizado Esc. 1.000.000\$00
Reservas em 31 de Dezembro de 1927
Esc. 6.611.363\$33

Os segurados da «GARANTIA» devem ter sempre em vista que nenhuma outra Companhia lhes pode oferecer maiores vantagens: o seguro de vida obedece à matemática e esta é uma só. O que os segurados devem exigir é idoneidade da Companhia, e, neste ponto, a «GARANTIA» tem a escudá-la o seu passado

SÉDE

Rua Ferreira Borges, 37 — PORTO
(EDIFÍCIO PRÓPRIO)

DELEGAÇÃO CENTRAL
Praça da Liberdade, 13 e 14
Casa Bancária Sousa, Cruz & C.ª, Lda

DELEGAÇÃO EM LISBOA

Rua de S. Julião, 63 a 71
(EDIFÍCIO PRÓPRIO)

NICOLAU FERRAZ

Espanha, França, Brasil
e América do Norte



PASSAPORTES

Agente no Norte

da **United States Lines**

TELEFONE, 762

Rua do Loureiro, 60, 62

PORTO

MODICIDADE DE PREÇOS
Antes de comprar uma maquina de escrever portátil ou para escritório, sirva-se V. Ex.ª pedir oferta da

UNDERWOOD

ao agente:

CARLOS DUNKEL - R. Sá da Bandeira, 62
Telefone: 1013 — PORTO

SABÃO CASTELO

O melhor produto para tirar nodos
Preço 1\$00

Á venda em todas as drogarias

GOSTA DE LEITURAS

EMOCIONANTES ?

LEIA OU ASSINE

**A
NOVELA
POLICIAL**

Do "REPORTER X"

CAPA A CÔRES

16 PAGINAS, 1\$00